

a canção de shannara

trilogia a espada de shannara / livro três

terry brooks

Tradução de Ana Cristina Rodrigues

Adaptação de Sónia Maia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



TERRAS DO NORTE

PANTANO DE MALG

MES CHARNAL

Deserto Kierlak

REINO DA CAVEIRA

Mt. da Caveira

Mts da Lâmina da Faca

Rio Lethe

PLANÍCIE DE STRELEHEIM

Passo Jannisson

VALE DO RHENN

PARANOR

Fortaleza dos Druidas

PLANÍCIES DE RABB

TERRAS DO LESTE

ANAR SUPERIOR

TERRAS DO OESTE

Rio Mermidon

DENTES DE DRAGÃO

Salão dos Reis

VALE DO XISTO

Passo Kennon

KERN

Varfleet

Storlock

MONTANHAS DE RUNNE

Mts Volkstkaas

Passo do Jade

Passo do Laço

CALLADORN

TYRSIS

FLORESTA DE ANAR



LAGO ARCO-ÍRIS

Rio Prata

Culhaven

Floresta de Duln

Pântano das Névoas

LEAH

Planícies de Clede

PLANÍCIE DE BATTLEMOUNDS

ANAR INFERIOR

VALE SOMBRIO

Mts CHARNAL

ANAR SUPERIOR

Rio Rabb

DARKLIN REACH

Toffer Ridge

OLDEN MOOR

Heaven's Well

Torlock

Chard Rush

Grimpond

Hearthstone

Maelmord

Passo de Jade

Rooker Line

Marco Cinzento

Mts WOLFSKTAAG

Mts RAVENSHORN

Dunfee Aran

Mts Bens

TERRAS DO LESTE

Passo de Noose

Capaal

CILLIOELLAN

Culhaven

wedge



ANAR INFERIOR

Capítulo 1

Era a época da mudança de estações nas Quatro Terras; o fim do verão dissolvia-se lentamente em outono. Acabavam os longos e tranquilos dias do meio do ano, quando o calor abafado diminuía o ritmo da vida e havia a sensação de existir tempo suficiente fosse para o que fosse. Apesar de o calor do verão persistir, os dias haviam começado a diminuir, o ar húmido a secar, e a lembrança da transitoriedade da vida a despertar. Os sinais da transição estavam em todo o lado. Nas florestas do Vale Sombrio, as folhas já haviam começado a mudar de cor.

Brin Ohmsford parou ao lado dos canteiros de flores que ladeavam o caminho até sua casa, perdendo-se momentaneamente na folhagem es-carlate do velho ácer que fazia sombra no quintal. Era uma árvore imensa, com o tronco largo e cheio de nós. Brin sorriu. A velha árvore era a fonte de muitas memórias de infância. Por impulso, saiu do caminho e foi até à árvore envelhecida.

Era uma rapariga alta — mais alta do que os seus pais ou o seu irmão, Jair, e quase tão alta como Rone Leah — e, apesar da aparência delicada do seu corpo esguio, era tão forte como qualquer um deles. Jair não concordaria, claro, mas porque já era difícil para Jair aceitar o seu papel de irmão mais novo. Afinal, uma rapariga era apenas uma rapariga.

Os seus dedos tocaram suavemente a casca áspera do ácer, acariciando-o, e olhou para cima, para o emaranhado de galhos. O longo cabelo negro saiu-lhe da frente do rosto e não podia haver dúvidas sobre de quem era filha. Vinte anos antes, Eretria tivera exatamente a mesma aparência que a filha tinha agora, da pele morena e olhos negros às feições suaves e delicadas. Brin só não tinha o fogo da mãe. Jair ficara com essa característica. Brin possuía o temperamento do pai, calmo, confiante e disciplinado. Uma vez, ao comparar os seus filhos — provocado por mais uma das travessuras reprováveis de Jair —, Wil Ohmsford observara, bastante pesaroso, que a diferença entre eles era que Jair era capaz de fazer qualquer coisa, enquanto Brin também era, mas só depois de

pensar bem primeiro. Brin ainda não tinha a certeza de quem se saíra melhor daquela reprimenda.

Fez as mãos deslizarem, retirando-as do tronco. Lembrou-se de quando usara a canção-desejo na velha árvore. Ainda era uma criança, fazendo experiências com a magia élfica. Era verão e ela utilizara a canção-desejo para transformar o verde do verão que revestia a árvore no vermelho do outono; na sua mente de criança, parecia algo perfeitamente natural a fazer, já que o vermelho era uma cor muito mais bonita do que o verde. O seu pai ficara furioso; a árvore demorara quase três anos a recuperar do choque no seu sistema. Fora a última vez que ela ou Jair haviam usado magia com os pais por perto.

— Brin, vem ajudar-me a arrumar a bagagem, por favor.

Era a mãe que a chamava. Brin fez uma última carícia ao velho ácer e virou-se na direção da casa.

O pai nunca confiara totalmente na magia élfica. Pouco mais de vinte anos antes, ele usara as Pedras Élficas que lhe haviam sido dadas pelo Druida Allanon nos seus esforços para proteger a elfa Escolhida Amberle Ellesedil durante a sua busca pelo Fogossangue. O uso da magia transformara-o; ele soubera-o de imediato, embora não compreendesse como. Foi só depois de Brin, e depois Jair, terem nascido, que ficou claro o que acontecera. Não seria Wil Ohmsford a manifestar a mudança que a magia causara, e sim os seus filhos. Seriam eles os portadores dos efeitos visíveis da magia — eles e talvez as gerações futuras dos Ohmsford, apesar de não terem forma de prever se a magia da canção-desejo os acompanharia.

Fora Brin que lhe chamara “canção-desejo”. *Deseja-a, canta-a, e ela será tua*. Assim a entendera quando descobrira que possuía o poder. Depressa compreendera que poderia afetar o comportamento das coisas vivas com a sua canção. Podia mudar as folhas daquele velho ácer. Podia acalmar um cão zangado. Podia fazer um pássaro selvagem pousar-lhe no pulso. Podia tornar-se parte de qualquer criatura viva — ou torná-la parte de si. Não sabia bem como o fazia; simplesmente acontecia. Ela cantava, a música e as palavras surgindo como sempre surgiam, sem serem planeadas ou ensaiadas — como se fosse a coisa mais natural do mundo. A jovem tinha sempre consciência do que estava a cantar, porém, ao mesmo tempo, a sua mente era tomada por uma sensação indescritível. Corria

dentro de si, submergindo-a, tornando-a algo novo de algum modo, e o desejo passava.

Era o dom da magia élfica — ou a sua maldição. O pai vira-a como maldição quando descobrira que a filha a possuía. No fundo, Brin sabia que ele tinha medo do que as Pedras Élficas podiam fazer e do que as sentira fazerem-lhe. Depois de Brin ter feito um cão perseguir o próprio rabo até cair e ter feito uma horta inteira murchar, o pai reforçara rapidamente a decisão de não deixar que as Pedras Élficas fossem usadas por ninguém. Escondera-as, sem dizer a ninguém onde estavam, e escondidas haviam ficado desde então. Pelo menos, era o que ele pensava. Brin não tinha assim tanta certeza. Uma vez, poucos meses antes, quando alguém mencionara as Pedras Élficas escondidas, Brin apanhara Jair a fazer um sorriso malandro. Ele não admitiria nada, claro, mas a jovem sabia como era difícil manter alguma coisa escondida do irmão, e suspeitava que ele encontrara o esconderijo.

Rone Leah juntou-se-lhe na porta da frente, alto e desengonçado, com o cabelo castanho a cair-lhe até aos ombros e preso para trás por uma larga faixa. Os olhos cinzentos e travessos estreitaram-se-lhe, satisfeitos.

— Que tal ajudares-me aqui, hã? Estou a fazer tudo e nem sou membro da família, francamente!

— A avaliar pelo tempo que passas aqui, é como se fosses — replicou ela. — O que falta fazer?

— Só tens de levar essas coisas e acho que acabou. — Um punhado de baús de couro e alguns sacos mais pequenos jaziam agrupados na entrada. Rone pegou no maior. — A tua mãe estava a chamar-te no quarto.

Rone desapareceu no corredor e Brin atravessou a casa na direção dos quartos das traseiras. Os pais preparavam-se para partir na peregrinação anual de outono até às comunidades distantes a sul do Vale Sombrio, uma jornada que os manteria fora de casa por mais de duas semanas. Poucos curandeiros possuíam a aptidão de Wil Ohmsford e nenhum podia ser encontrado a menos de oitocentos quilómetros do vale. Por isso, duas vezes por ano, na primavera e no outono, o pai viajava até às aldeias mais distantes, prestando serviços onde eram necessários. Eretria acompanhava-o sempre, tendo-se tornado uma assistente habilidosa do marido, quase tão bem treinada como ele para tratar de doentes e feridos. Era uma viagem que não precisavam de fazer — na verdade,

não a fariam se fossem menos escrupulosos. Outros não a fariam. Mas os pais de Brin eram orientados por um forte sentido do dever. A cura era a profissão a que haviam dedicado as suas vidas, e ambos levavam aquele compromisso a sério.

Enquanto estavam fora, nessas viagens misericordiosas, Brin ficava encarregue de tomar conta de Jair. Daquela vez, Rone Leah viera das terras altas para tomar conta dos dois.

A mãe de Brin levantou o rosto e sorriu ao vê-la entrar no quarto. O longo cabelo negro caía-lhe solto em redor dos ombros e ela atirou-o para trás, afastando-o de um rosto que parecia apenas um pouco mais velho do que o de Brin.

— Viste o teu irmão? Estamos quase prontos para partir.

Brin abanou a cabeça.

— Pensei que ele estivesse com o pai. Precisas de ajuda com alguma coisa?

Eretria assentiu, segurando Brin pelos ombros e puxando-a, fazendo-a sentar-se a seu lado na cama.

— Preciso que me prometas uma coisa, Brin. Não quero que uses a canção-desejo enquanto eu e o teu pai estivermos fora; nem tu, nem o teu irmão.

Brin sorriu.

— Eu já quase nunca a uso. — Os seus olhos escuros examinaram o rosto moreno da mãe.

— Eu sei. Mas o Jair usa-a, mesmo que ele pense que eu não sei. De qualquer forma, enquanto estivermos fora, eu e o teu pai não queremos que nenhum dos dois a use, nem uma única vez. Percebeste?

Brin hesitou. O pai compreendia que a magia élfica fazia parte dos filhos, mas não a aceitava como uma parte boa ou necessária. *Vocês são pessoas inteligentes e talentosas por vós mesmos*, dizia. *Não precisam de truques nem de artimanhas para progredir. Sejam quem e o que puderem ser sem a canção*. Eretria secundava aquele conselho, apesar de reconhecer mais prontamente que era provável que os filhos o ignorassem quando o seu discernimento os levasse a pensar que podiam fazê-lo.

Infelizmente, no caso de Jair, o discernimento era algo raro.

Jair era ao mesmo tempo impulsivo e irritantemente teimoso; no que dizia respeito ao uso da canção-desejo, tinha tendência para fazer exatamente o que queria — contanto que conseguisse safar-se.

Além do mais, a magia élfica funcionava de forma diferente com Jair...

— Brin?

Os seus pensamentos dispersaram-se.

— Mãe, eu não vejo qualquer problema em Jair brincar com a canção-desejo. É só uma brincadeira.

Eretria abanou a cabeça.

— Mesmo um brinquedo pode ser perigoso se for usado sem cautela. Além disso, já tens conhecimentos suficientes de magia élfica para saberes que ela nunca é inofensiva. Agora, ouve-me. Tu e o teu irmão já não têm idade para precisarem que a mãe e o pai tomem conta de vocês. Mas, às vezes, ainda necessitam de conselhos. Não quero que uses a tua magia enquanto estivermos fora. Chama a atenção desnecessariamente. Promete-me que não a usarás e que farás com que o Jair também não a use.

Brin assentiu lentamente.

— É por causa dos rumores sobre os Caminhantes Negros, não é? — A jovem ouvira as histórias. Ultimamente, só se falava nisso na hospedaria. Caminhantes Negros. Coisas silenciosas e sem rosto nascidas da magia negra, que surgiam do nada. Alguns diziam que eram o Lorde Feiticeiro e os seus ajudantes de volta. — É tudo por causa disso?

— Sim. — A mãe sorriu da acuidade de Brin. — Agora, promete.

Brin devolveu o sorriso.

— Prometo.

No fundo, achava que aquilo era um monte de disparates.

Preparar e carregar tudo demorou mais trinta minutos, e depois os pais ficaram prontos para partir. Jair reapareceu, de volta da hospedaria onde fora buscar um doce especial como presente de despedida para a mãe, que gostava dessas coisas, e despediram-se.

— Lembra-te da tua promessa, Brin — sussurrou a mãe ao beijá-la no rosto e dar-lhe um abraço apertado.

Os Ohmsford mais velhos subiram para a carroça em que fariam a viagem e avançaram lentamente pela estrada poeirenta.

Brin ficou a olhar até eles desaparecerem de vista.

Naquela tarde, Brin, Jair e Rone Leah foram passear pelas florestas do vale, e o dia já terminava quando finalmente deram meia-volta para

voltarem para casa. O Sol já começara a mergulhar atrás do limite do vale e as sombras da floresta a estender-se lentamente. Seria uma hora de caminhada até à aldeia, mas os dois Ohmsford e o jovem das terras altas haviam percorrido tantas vezes aquele caminho que poderiam caminhar pelos trilhos da floresta mesmo na noite mais escura. Continuaram sem se apressar, aproveitando o fim do que fora um belo dia de outono.

— Vamos pescar amanhã — sugeriu Rone. Sorriu para Brin. — Com um clima destes, não importa se apanharmos alguma coisa ou não.

Ele, o mais velho dos três, liderava o caminho através das árvores, com a bainha velha e gasta da Espada de Leah presa transversalmente às costas, uma silhueta vaga por baixo do seu manto de caça. Antigamente, era empunhada pelo herdeiro do trono de Leah, mas perdera essa função e fora substituída. Contudo, Rone sempre admirara a velha arma, usada anos antes pelo seu bisavô, Menion Leah, quando participara da busca pela Espada de Shannara. Já que Rone admirava tanto a espada, o pai dera-lha, como um pequeno símbolo da sua posição enquanto Príncipe de Leah — mesmo sendo o príncipe mais novo.

Brin fitou-o e franziu a testa.

— Estás a esquecer-te de algo. Amanhã é o dia que escolhemos para fazer aquelas reparações em casa que prometemos ao meu pai que faríamos enquanto ele estivesse fora. E agora?

Ele encolheu os ombros, animado.

— As reparações podem ficar para outro dia. Podem esperar.

— Acho que devíamos explorar os limites do vale — interveio Jair Ohmsford. Era esguio e tinha o rosto do pai, com as suas feições élficas: olhos estreitos, sobrancelhas inclinadas e orelhas levemente pontiagudas por baixo de um punhado de cabelos loiros desgrenhados. — Podíamos tentar encontrar algum sinal dos Espectros de Mord.

Rone riu-se.

— E o que sabes sobre os Caminhantes, tigre? — Esta era a alcunha que dera a Jair.

— Tanto como tu, acho eu. No vale, ouvimos as mesmas histórias que vocês ouvem nas montanhas — respondeu o mais novo. — Caminhantes Negros, Espectros de Mord... criaturas que surgem da escuridão. Lá na hospedaria, estão sempre a falar deles.

Brin lançou um olhar reprovador na direção do irmão.

— E é isso que são. Histórias, apenas.

Jair olhou para Rone.

— O que achas?

Para surpresa de Brin, o montanhês encolheu os ombros.

— Talvez sim. Talvez não.

A rapariga ficou zangada de repente.

— Rone, essas histórias existem desde que o Lorde Feiticeiro foi destruído e nunca nenhuma delas teve um pingo de verdade. Porque seria diferente desta vez?

— Não sei se é. Só acho que convém ter cuidado. Lembra-te de que, na época de Shea Ohmsford, também ninguém acreditou nas histórias sobre os Portadores da Caveira, até ser demasiado tarde.

— É por isso que eu acho que devemos dar uma olhadela por aí — repetiu Jair.

— Porquê, exatamente? — pressionou Brin, endurecendo a voz. — E se, por acaso, encontrarmos algo tão perigoso como essas criaturas devem ser? O que vamos fazer, invocar a canção-desejo?

Jair ficou vermelho.

— Se for preciso, invoco. Eu poderia usar a magia...

Ela interrompeu-o.

— A magia não é uma brincadeira, Jair. Quantas vezes preciso de te dizer isso?

— Eu só disse que...

— Eu sei o que disseste. Achas que a canção-desejo pode fazer qualquer coisa e estás muito enganado. Tens de prestar mais atenção ao que o pai diz sobre não usar a magia. Um dia, isso ainda vai trazer-te muitos problemas.

O irmão encarou-a.

— Porque estás tão zangada?

Brin percebeu que estava mesmo zangada e que isso não servia de nada.

— Desculpa — disse ela. — Prometi à mãe que nenhum de nós usaria a canção enquanto ela e o pai estivessem em viagem. Deve ter sido por isso que me irritei tanto ao ouvir-te falar sobre ir atrás dos Espectros.

A raiva passou para os olhos azuis de Jair.

— Quem te deu o direito de fazer uma promessa dessas por mim, Brin?

— Acho que ninguém, mas a mãe...

— A mãe não compreende...

— Esperem, por favor! — Rone Leah ergueu as mãos, como se implorasse. — Discussões destas fazem-me ficar feliz por estar na hospedaria, e não em casa convosco. Agora, vamos esquecer isto e voltar ao assunto original. Vamos pescar amanhã ou não?

— Vamos pescar — votou Jair.

— Vamos pescar — concordou Brin. — Depois podemos fazer pelo menos algumas das reparações na casa.

Caminharam em silêncio durante algum tempo. Brin ainda remoía o que achava ser um fascínio crescente de Jair pelo uso da canção. A mãe tinha razão; Jair praticava o uso da magia sempre que tinha oportunidade. Ele via menos perigo nisso do que Brin porque, com ele, funcionava de forma diferente. Com Brin, a canção-desejo mudava realmente a aparência e o comportamento das coisas, mas com Jair era apenas uma ilusão. Quando ele usava a magia, as coisas só pareciam mudar. E isso dava-lhe mais possibilidades de uso e encorajava-o a experimentar. Fazia-o em segredo, mas, mesmo assim, fazia-o. Nem mesmo Brin sabia ao certo o que ele aprendera a fazer com ela.

A tarde foi-se completamente e a noite chegou. A Lua cheia pairava no horizonte como um farol branco, e as estrelas começavam a surgir, cintilantes. Com a chegada da noite, o ar começou a arrefecer rapidamente, e os odores da floresta tornaram-se nítidos e densos com a fragrância das folhas que secavam. Em redor deles, surgiu o zumbido dos insetos e dos pássaros noturnos.

— Acho que devíamos pescar no Rappahalladran — disse Jair, subitamente.

Por um momento, ninguém disse nada.

— Não sei — respondeu Rone, por fim. — Podíamos pescar nos lagos do vale.

Brin olhou para o montanhês, intrigada. Ele parecia preocupado.

— Não se quisermos truta de rio — insistiu Jair. — Além disso, quero acampar no Duln por uma ou duas noites.

— Podemos acampar no vale.

— Seria a mesma coisa do que acampar no quintal — observou Jair, irritando-se um pouco. — Pelo menos, no Duln há lugares que ainda não explorámos. Estás com medo de quê?

— Não estou com medo de nada — respondeu o montanhês, na

defensiva. — Só acho que... olha, porque não conversamos sobre isso depois? Deixa-me contar o que me aconteceu quando vinha para aqui. Quase me perdi. Havia um cão-lobo...

Brin ficou um pouco para trás enquanto eles conversavam, deixando-os caminhar à frente. Ainda estava confusa com a inesperada relutância de Rone em fazer uma pequena viagem para acampar no Duln — uma viagem que já tinham feito dezenas de vezes. Haveria algo fora do vale que devessem temer? Franziu a testa, lembrando-se da preocupação expressa pela mãe. E, depois, também por Rone. O montanhês não fora tão rápido como ela em descartar, como rumores, as histórias sobre as aparições. Na verdade, fora mais contido do que o habitual. Geralmente, Rone ter-se-ia rido dessas histórias chamando-lhes disparates, assim como ela. Porque não o fizera daquela vez? Era possível, percebeu Brin, que ele tivesse motivos para acreditar não se tratar de assunto para gracejos.

Meia hora depois, as luzes da aldeia começaram a aparecer entre as árvores da floresta. Estava escuro; escolhiam o caminho com a ajuda da luz brilhante da Lua. O trilho descia até à depressão protegida onde ficava a aldeia em si, alargando-se de trilho para estrada. As casas surgiram; lá de dentro vinha o som de vozes. Brin sentiu o cansaço começar a aparecer. Seria bom arrastar-se até ao conforto da sua cama e entregar-se a uma boa noite de sono.

Atravessaram o centro do Vale Sombrio, passando pela velha hospedaria que fora gerida pela família Ohmsford ao longo de muitas gerações. Os Ohmsford ainda eram os proprietários do estabelecimento, mas já não viviam ali, desde a morte de Shea e Flick. Agora, eram amigos da família que tomavam conta da hospedaria, dividindo os lucros e as despesas com os pais de Brin. Ela sabia que o pai nunca gostara muito de morar na hospedaria, por não se sentir ligado ao negócio e preferir a sua vida de curandeiro à de estalajadeiro. Apenas Jair mostrava algum interesse no que acontecia na hospedaria, porque gostava de ir até lá para ouvir as histórias que os viajantes levavam para o vale — histórias cheias de aventuras, o suficiente para satisfazer o espírito do jovem irrequieto.

Naquela noite, a hospedaria encontrava-se cheia, com as largas portas duplas escancaradas e as luzes recaindo sobre as mesas e um balcão comprido onde se acotovelavam viajantes e habitantes locais que riam, brincavam e passavam a noite fria de outono na companhia de um ou

dois copos de cerveja. Rone sorriu por cima do ombro para Brin e abanou a cabeça. Ninguém parecia ansioso por que aquele dia terminasse.

Momentos depois, chegaram à casa dos Ohmsford, um chalé de pedra e argamassa localizado entre as árvores de uma pequena colina. Iam a meio do caminho de paralelepípedos que passava por uma série de sebes e ameixoeiras floridas até à porta da frente quando Brin os fez parar de repente.

Havia luz na janela da sala da frente.

— Algum de vocês deixou uma lamparina acesa quando saímos de manhã? — perguntou ela em voz baixa, sabendo já a resposta. Ambos abanaram a cabeça.

— Talvez alguém tenha vindo fazer uma visita — sugeriu Rone.

Brin fitou-o.

— A casa estava trancada.

Por um momento, entreolharam-se sem dizer nada, com um vago desconforto começando a tomar conta deles. Jair, no entanto, não sentia nada disso.

— Bem, vamos entrar e ver quem está lá — declarou, já a avançar.

Rone colocou-lhe uma mão no ombro e puxou-o para trás.

— Espera um pouco, tigre. Não vamos precipitar-nos.

Jair libertou-se, olhando para a luz e de novo para Rone.

— O que achas que está lá à espera? Um dos Caminhantes?

— Queres parar com esse disparate? — ordenou Brin, bruscamente.

Jair sorriu.

— É isso que pensas que é? Um dos Caminhantes que veio raptar-nos?

— Foi simpático da parte deles, então, terem acendido a luz para nos receberem — comentou Rone, em tom seco.

Fitaram a luz na janela da frente, indecisos.

— Bem, não podemos ficar aqui toda a noite — acabou Rone por dizer. Estendeu a mão para trás e puxou a Espada de Leah. — Vamos dar uma olhadela. Venham atrás de mim. Se acontecer alguma coisa, voltem à hospedaria e tragam ajuda. — Hesitou. — Não que vá acontecer alguma coisa.

Continuaram a andar até à porta da frente e pararam para escutar. A casa estava em silêncio. Brin passou a chave da porta a Rone e entraram. A antessala encontrava-se totalmente às escuras, exceto por uma faixa de

luz amarelada que serpenteava pelo pequeno corredor que levava mais para o interior da casa. Hesitaram por um momento, antes de atravessarem silenciosamente o corredor e entrarem na sala da frente.

Estava vazia.

— Bem, aqui não há nenhuma Aparição de Mord — anunciou Jair de imediato. — Aqui não há nada além...

Não chegou a terminar a frase. Uma sombra imensa surgiu, saída da escuridão da sala de visitas. Era um homem com mais de dois metros de altura, todo envolto em tecido negro. Um capuz solto pendia para trás, revelando um rosto fino e enrugado, que estava envelhecido e duro. A barba e os cabelos negros caíam-lhe pelo rosto, ásperos e com mechas grisalhas. Mas foram os olhos que os atraíram, fundos e penetrantes nas sombras da grande testa, parecendo ver tudo, mesmo o que estava escondido.

Rone Leah ergueu a espada, apressadamente, e a mão do estranho surgiu de entre as vestes.

— Não vais precisar disso.

O montanhês hesitou, encarando por um momento os olhos negros à sua frente, e baixou a espada. Brin e Jair estavam paralisados, incapazes de se virar e fugir ou de falar.

— Não há nada a temer — ressoou a voz grave do estranho.

Aquilo não tranquilizou nenhum dos três, mas descontraíram-se um pouco quando a figura escura não fez qualquer movimento para se aproximar. Brin olhou rapidamente para o irmão e viu que Jair estudava o estranho com atenção, como se estivesse a tentar decifrar algo. O estranho olhou para o rapaz, depois para Rone e por fim para ela.

— Nenhum de vocês me conhece? — murmurou, em voz baixa.

Houve um silêncio momentâneo e subitamente Jair assentiu.

— Allanon! — exclamou, com o entusiasmo refletido no rosto. — O senhor é Allanon!

Capítulo 2

Brin, Jair e Rone Leah sentaram-se juntos à mesa da sala de jantar com o estranho, que já sabiam ser Allanon. Tanto quanto sabiam, ninguém vira Allanon nos últimos vinte anos. Wil Ohmsford fora um dos últimos. Mas as histórias sobre o Druida eram familiares a todos. Viajante enigmático e sombrio que percorrera os recantos mais afastados das Quatro Terras, era um filósofo, professor e historiador das raças — o último dos Druidas, os sábios que haviam guiado as raças do caos que se seguira à destruição do velho mundo até à civilização que então florescera. Fora Allanon que liderara Flick, Shea Ohmsford e Menion Leah na procura pela lendária Espada de Shannara mais de setenta anos antes, para que o Lorde Feiticeiro pudesse ser destruído. Fora Allanon quem procurara Wil Ohmsford enquanto ele estudava para ser curandeiro em Storlock, convencendo-o a agir como guia e protetor da jovem elfa Amberle Ellesedil na sua busca pelo poder necessário para devolver a vida à moribunda Ellcrys, e assim aprisionar uma vez mais os demónios que andavam à solta nas Terras do Oeste. Eles conheciam as histórias sobre Allanon. E sabiam também que o aparecimento do Druida era sempre sinal de problemas.

— Fiz um longo caminho para te encontrar, Brin Ohmsford — disse o homem alto, numa voz baixa e cansada. — Uma jornada que pensava que não teria de fazer.

— Porque veio procurar-me? — perguntou Brin.

— Porque preciso da canção-desejo. — Houve um silêncio quase interminável, enquanto a jovem e o Druida se fitavam por cima da mesa. — É estranho — suspirou ele. — Não tinha percebido que a passagem da magia élfica para os filhos de Wil Ohmsford tinha um propósito tão profundo. Pensei que fosse apenas um efeito colateral do uso das Pedras Élficas que não pudesse ser evitado.

— O que quer da Brin? — interrompeu Rone, assumindo uma expressão dura. Já não estava a gostar nada daquilo.

— E da canção? — completou Jair.

Allanon manteve os olhos fixos em Brin.

— O teu pai e a tua mãe não estão aqui?

— Não. Estão em viagem e só voltarão daqui a, no mínimo, duas semanas. Estão a tratar dos doentes nas aldeias a sul.

— Eu não tenho duas semanas; nem sequer tenho dois dias — sussurrou o homem alto. — Precisamos de conversar agora e tens de decidir o que vais fazer. E, se decidires o que acho que deves decidir, temo que, desta vez, o teu pai não me vá perdoar.

Brin soube de imediato do que ele estava a falar.

— Vou ter de ir consigo? — perguntou, devagar.

Ele deixou a pergunta sem resposta.

— Deixa-me falar-te do perigo que ameaça as Quatro Terras, um mal tão grande como qualquer um dos que Shea Ohmsford ou o teu pai enfrentaram. — O Druida cruzou as mãos sobre a mesa à sua frente e inclinou-se na direção dela. — No velho mundo, antes da aurora da raça humana, havia criaturas feéricas que faziam uso da magia, boa e má. O teu pai deve ter-te contado a história, com certeza. Esse mundo acabou com a chegada dos homens. Os seres malignos foram aprisionados dentro da Proibição e os bons perderam-se com a evolução das raças. Todos, exceto os elfos. Porém, houve um livro dessa época que sobreviveu. Um livro de magia negra, com um poder tão imenso que até os magos élficos daquela época tinham medo dele. Chamaram-lhe *Ildatch*. A sua origem não é clara, nem mesmo agora, mas parece que apareceu logo no início da criação da vida. A maldade do mundo usou-o durante algum tempo, até que, finalmente, os elfos conseguiram recuperá-lo. Tão grande era o fascínio que causava que, mesmo conhecendo o seu poder, alguns dos magos élficos ousaram experimentar os seus segredos. O resultado foi a sua própria destruição. Os que restaram decidiram rapidamente destruir o livro. Porém, antes que pudessem fazê-lo, ele desapareceu. Depois disso, ouviram-se rumores sobre o seu uso, espalhados aqui e ali durante os séculos que se seguiram, mas nunca nada bem definido.

Allanon franziu a testa.

— Então, as Grandes Guerras varreram o velho mundo. Durante dois mil anos, a existência do Homem foi reduzida ao seu nível mais primitivo. Só quando os Druidas convocaram o Primeiro Conselho em Paranor é que se fez um esforço para reunir os ensinamentos do velho mundo que poderiam ser úteis para ajudar o novo. Todo o conhecimento

que tivesse sido preservado através dos anos, fosse por escrito ou oralmente, foi levado ao Conselho para que este tentasse descobrir os seus segredos. Infelizmente, nem tudo o que sobrevivera era bom. Entre os livros descobertos pelos Druidas estava o *Ildatch*. Foi encontrado por um jovem Druida, brilhante e ambicioso, chamado Brona.

— O Lorde Feiticeiro — disse Brin, baixinho.

Allanon assentiu.

— Ele tornou-se o Lorde Feiticeiro quando o poder do *Ildatch* o corrompeu. Juntamente com os seus seguidores, perdeu-se na magia negra. Durante quase mil anos, eles ameaçaram a existência das raças. Só quando Shea Ohmsford dominou o poder da Espada de Shannara é que Brona e os seus seguidores foram destruídos.

Fez uma pausa.

— Mas o *Ildatch* desapareceu novamente. Procurei-o nas ruínas da Montanha da Caveira, quando o reino do Lorde Feiticeiro se desmoronou. Não consegui encontrá-lo. Pensei que estivesse perdido de vez; pensei que tivesse sido soterrado para sempre. Mas enganei-me. De alguma forma, foi preservado. Uma seita de humanos, seguidores do Lorde Feiticeiro, recuperou-o — pseudofeiticeiros de raças que não estavam submetidas ao poder da Espada de Shannara e, assim, não foram destruídas com o seu Mestre. Até hoje não sei como, mas de alguma forma descobriram o lugar onde o *Ildatch* estava escondido e trouxeram-no de volta ao mundo dos homens. Levaram-no para as profundezas do seu esconderijo nas Terras do Leste onde, ocultos das demais raças, começaram a pesquisar os segredos da magia. Isso foi há mais de sessenta anos. Podem adivinhar o que lhes aconteceu.

Brin ficou pálida e inclinou-se para a frente.

— Está a dizer que começou tudo de novo? Que há outro Lorde Feiticeiro e outros Portadores da Caveira?

Allanon abanou a cabeça.

— Esses homens não são Druidas como eram Brona e os seus seguidores, nem se passou assim tanto tempo desde a sua corrupção. Porém, a magia corrompe todos os que lidam com ela. A diferença está na natureza da mudança. De cada vez, o resultado é diferente.

Brin abanou a cabeça.

— Não percebo.

— Diferente — repetiu Allanon. — A magia, boa ou má, adapta-se

ao seu utilizador e vice-versa. Da outra vez, as criaturas que nasceram desse toque voavam...

A frase ficou em suspenso. Os ouvintes trocaram olhares rápidos.

— E desta vez? — perguntou Rone.

Os olhos negros estreitaram-se.

— Desta vez, o mal caminha.

— Os Espectros de Mord! — Jair respirou fundo.

Allanon assentiu.

— Uma expressão dos gnomos para designar os “Caminhantes Negros”. São o mesmo mal sob outra forma. O *Ildatch* moldou-os como moldou Brona e os seus seguidores, vítimas da magia, escravos do poder. Perderam-se do mundo dos homens, rendendo-se à escuridão.

— Então, afinal os rumores são verdadeiros — murmurou Rone Leah. Os seus olhos cinzentos procuraram os de Brin. — Não vos contei antes porque não vi necessidade de vos preocupar sem motivo, mas alguns viajantes de passagem por Leah contaram-me que os Caminhantes vieram de leste, da região do Rio Prata. Foi por isso que quando o Jair sugeriu que acampássemos fora do vale...

— Os Espectros de Mord já chegaram tão longe? — interrompeu Allanon, bruscamente. Uma preocupação repentina surgiu na sua voz. — Há quanto tempo foi isso, Príncipe de Leah?

Rone abanou a cabeça em dúvida.

— Há vários dias, talvez. Pouco antes de eu vir para o vale.

— Então temos menos tempo do que eu pensava. — As linhas na testa do Druida aprofundaram-se.

— Mas o que fazem eles aqui? — quis saber Jair.

Allanon ergueu o rosto escuro.

— Suspeito que estejam à minha procura.

O silêncio ecoou pela casa sombria. Ninguém falava; os olhos do Druida mantinham-nos imóveis.

— Ouçam bem. A fortaleza dos Espectros fica no interior das Terras do Leste, no alto das montanhas a que eles chamam Ravenshorn. É um forte imenso e antigo, construído pelos trolls na Segunda Guerra das Raças. Chama-se Marco Cinzento. A fortaleza fica no topo de uma cordilheira que cerca um vale profundo. Foi no interior desse vale que esconderam o *Ildatch*.

Respirou fundo.

— Há dez dias, eu estava à beira do vale, decidido a descer até lá, tirar o livro de magia negra do seu esconderijo e destruí-lo. O livro é a fonte do poder dos Espectros de Mord. Destruindo o livro, o poder perde-se e a ameaça termina. E essa ameaça... ah, deixem-me explicar um pouco em que consiste essa ameaça. Os Espectros de Mord não ficaram parados depois da queda do seu Mestre. Há seis meses, as guerras de fronteira entre os gnomos e os anões recomeçaram. As duas nações passaram anos a disputar a Floresta de Anar, por isso, no início, o recrudescimento da disputa não surpreendeu ninguém. Mas, desta vez, sem que quase ninguém saiba, há uma diferença na natureza dessa luta. Os gnomos estão a ser guiados pela mão dos Espectros de Mord. Alquebradas e espalhadas pela queda do Lorde Feiticeiro, as tribos dos gnomos foram novamente escravizadas pela magia negra, desta vez sob o comando dos Espectros. E a magia dá uma força aos gnomos que eles não teriam de outra forma. Assim, os anões têm sido sistematicamente expulsos para sul desde que as guerras de fronteira recomeçaram. A ameaça é grave. Recentemente, o Rio Prata tem-se tornado cada vez mais sujo, envenenado pela magia sombria. A terra que se alimenta dele começou a morrer. Quando isso se concretizar, os anões também morrerão e todas as Terras do Leste estarão perdidas. Os elfos das Terras do Oeste e os homens da fronteira de Callahorn foram socorrer os anões, mas a ajuda que levaram não basta para resistir à magia dos Espectros de Mord. Apenas a destruição do *Ildatch* impedirá o que está a acontecer.

De repente, virou-se para Brin.

— Lembras-te das histórias do teu pai, que ele ouviu do pai dele, que as ouviu de Shea Ohmsford, a respeito do avanço do Lorde Feiticeiro sobre as Terras do Sul? Quando o ser maligno surgiu, a escuridão abateu-se sobre tudo. Uma sombra espalhou-se pela terra e, por baixo dela, tudo murchou e morreu. Nada que não fizesse parte daquele mal vivia naquela sombra. Está a começar novamente, jovem, desta vez em Anar.

Desviou o olhar.

— Há dez dias, eu estava nas muralhas do Marco Cinzento, com a intenção de encontrar e destruir o *Ildatch*. Foi então que descobri o que os Espectros de Mord tinham feito. Usando a magia sombria, fizeram crescer dentro do vale um pântano-floresta que protegeria o livro, chamado Maelmord na antiga linguagem feérica, uma barreira tão maligna que esmaga e devora qualquer coisa que tente lá entrar sem lhe

pertencer. Compreende isto: essa floresta sombria vive, respira, pensa. Nada pode atravessá-la. Eu tentei, mas mesmo o considerável poder que tenho não foi suficiente. O Maelmord repeliu-me, e os Espectros descobriram a minha presença. Fui perseguido, mas consegui fugir. E agora procuram-me, sabendo...

A voz sumiu-se-lhe por um momento. Brin olhou rapidamente para Rone, que parecia cada vez mais descontente.

— Se estão à sua procura, acabarão por chegar aqui, não é? — O homem das montanhas aproveitou a pausa na narrativa do Druida.

— Acabarão por chegar aqui, sim. Mas isso irá acontecer independentemente de me seguirem ou não. Percebam que, mais cedo ou mais tarde, eles irão tentar eliminar qualquer ameaça ao seu poder sobre as raças. É óbvio que a família Ohmsford é uma dessas ameaças.

— Por causa de Shea Ohmsford e da Espada de Shannara? — perguntou Brin.

— Indiretamente, sim. Os Espectros de Mord não são criaturas de ilusão, como era o Lorde Feiticeiro, por isso a espada não pode feri-las. As Pedras Élficas talvez o consigam. Aquela magia é uma força considerável, e os Espectros já ouviram falar da busca de Wil Ohmsford pelo Fogossangue. — Fez uma pausa. — Mas o que realmente os ameaça é a canção-desejo.

— A canção-desejo? — Brin ficou estupefacta. — Mas a canção-desejo é apenas uma brincadeira! Não tem o poder das Pedras Élficas! Porque havia de ser uma ameaça para esses monstros? Porque haviam eles de ter medo de algo tão inofensivo?

— Inofensivo? — Os olhos de Allanon brilharam por um momento e fecharam-se como que para esconder alguma coisa. O rosto escuro do Druida não mostrava expressão alguma e, subitamente, Brin sentiu muito medo.

— Allanon, porque está aqui? — perguntou ela mais uma vez, lutando para manter as mãos firmes, sem tremer.

O Druida ergueu novamente os olhos. Na mesa à sua frente, a fina chama da lamparina a óleo flamejava.

— Quero que venhas comigo até às Terras do Leste, até à fortaleza dos Espectros de Mord. Quero que uses a canção-desejo para atravessar o Maelmord, para encontrar o *Ildatch* e para mo trazeres, para que eu possa destruí-lo.

Os ouvintes encararam-no, sem palavras.

— Como? — perguntou Jair, por fim.

— A canção-desejo pode subverter até a magia sombria — respondeu Allanon. — Pode alterar o comportamento de qualquer criatura viva. Até o Maelmord pode ser levado a aceitar a Brin. A canção-desejo pode conceder-lhe passagem como se ela fosse de lá.

Os olhos de Jair arregalaram-se de admiração.

— A canção-desejo pode fazer isso tudo?

Mas Brin abanava a cabeça.

— A canção-desejo é apenas uma brincadeira — repetiu.

— Será mesmo? Ou foi simplesmente assim que a usaste? — O Druida abanou lentamente a cabeça. — Não, Brin Ohmsford, a canção-desejo é uma magia élfica, e possui o poder da magia élfica. Podes não ver isso agora, mas eu digo-te que o é.

— Não me importa que o seja ou não, a Brin não vai! — Rone parecia zangado. — Não pode pedir-lhe que faça algo assim tão perigoso.

Allanon permaneceu impassível.

— Não tenho escolha, Príncipe de Leah. Não mais do que tive quando pedi a Shea Ohmsford para ir procurar a Espada de Shannara ou a Wil Ohmsford para ir em busca do Fogossangue. O legado da magia élfica que foi passado em primeiro lugar a Jerle Shannara pertence agora aos Ohmsford. Tal como tu, eu gostaria que as circunstâncias fossem diferentes. E também podíamos desejar que o dia fosse noite. A canção-desejo pertence a Brin, e agora ela tem de a usar.

— Brin, ouve-me. — Rone virou-se para a jovem. — Há mais rumores além dos que eu vos contei. Também se fala do que os Espectros de Mord fizeram a humanos, de olhos e línguas arrancados, mentes esvaçadas de toda a vida, e de um fogo que queima até aos ossos. Deixei isso de parte até agora. Pensei que não passassem de histórias de viajantes bêbados. Mas o Druida fez-me mudar de ideias. Não podes ir com ele. Não podes.

— Os rumores de que falas são verdadeiros — reconheceu Allanon, em voz baixa. — É perigoso. Podes morrer, Bri. — Fez uma pausa. — Mas o que farão se não fores comigo? Vão esconder-se, esperando que os Espectros vos esqueçam? Vão pedir aos anões que vos protejam? O que acontecerá quando eles se forem? Assim como sucedeu com o Lorde

Feiticeiro, o mal surgirá nesta terra. Irá espalhar-se até já não restar ninguém para resistir.

Jair estendeu a mão na direção do braço da irmã.

— Brin, se temos de ir, pelo menos estaremos juntos...

— Com certeza que não estaremos juntos! — Brin contradisse-o de imediato. — O que quer que aconteça, tu não sais daqui!

— Nenhum de nós vai sair daqui. — Rone fitou o Druida. — Não vamos, nenhum de nós vai. Terá de arranjar outra solução.

Allanon abanou a cabeça.

— Não posso, Príncipe de Leah. Não há outra solução.

Ficaram em silêncio. Brin recostou-se na cadeira, confusa e bastante assustada. Sentia-se encurralada pela sensação de ser necessária que o Druida criara dentro dela, pela rede de obrigações que ele atirara sobre ela. Essas obrigações giravam na sua mente; e, conforme giravam, o mesmo pensamento assaltava-a constantemente, sem parar. A canção-desejo era apenas uma brincadeira. Magia élfica, sim — mas, mesmo assim, uma brincadeira! Inofensiva! Não uma arma contra um mal que nem mesmo Allanon podia superar! Porém, o pai sempre tivera medo da magia. Avisara-a de que não a usasse, precavendo-a sobre ser algo com que não se podia brincar. E ela mesma decidira desencorajar Jair de usar a canção-desejo...

— Allanon — disse ela, em voz baixa. O rosto fino virou-se. — Eu tenho usado a canção-desejo apenas para mudar coisas pequenas, alterar o formato de folhas ou os botões das flores. Coisinhas. Mesmo assim, não o faço há meses. Como pode a canção ser usada para mudar um mal tão grande como o dessa floresta que guarda o *Ildatch*?

Houve um momento de hesitação.

— Eu ensino-te.

Ela assentiu devagar.

— O meu pai sempre desencorajou qualquer uso de magia. Avisou-me de que não devia apoiar-me nela, pois uma vez ele fez isso e a sua vida mudou. Se ele estivesse aqui, Allanon, faria como Rone e aconselhar-me-ia a dizer não. Na verdade, ele ordenar-me-ia que dissesse não.

O rosto enrugado deixou transparecer um novo cansaço.

— Eu sei, minha jovem.

— O meu pai voltou das Terras do Oeste, da sua busca pelo Fogosangue, e pôs as Pedras Élficas de lado para sempre — continuou ela,

tentando abrir caminho através da confusão dos seus pensamentos enquanto falava. — Uma vez, contou-me que, mesmo nesse tempo, já sabia que a magia élfica o mudara, apesar de não conseguir perceber como. Prometeu a si mesmo que jamais voltaria a usar as Pedras Élficas.

— Também sei disso.

— E, mesmo assim, pede-me que o acompanhe?

— Peço.

— Sem que eu possa consultar o meu pai primeiro? Sem poder esperar que ele volte? Sem sequer uma tentativa de lhe explicar o que se passa?

De repente, o Druida pareceu zangado.

— Vou tentar facilitar-te as coisas, Brin Ohmsford. Não te estou a pedir nada que seja justo ou razoável, nada que o teu pai aprovasse. Peço-te que arrisques tudo por nada além da minha palavra de que é necessário. Peço-te confiança quando, provavelmente, tens poucas razões para confiar. Peço-te tudo isto sem te dar nada em troca. Nada.

Inclinou-se, quase se erguendo da cadeira, com uma expressão sombria e ameaçadora no rosto.

— Mas digo-te o seguinte: se pensares bem no assunto, verás que, apesar de qualquer argumento que possas usar contra mim, não podes deixar de vir comigo!

Dessa vez, até Rone escolheu não o contrariar. O Druida manteve aquela posição por mais um momento, com as vestes negras espalhadas enquanto se apoiava na mesa. Em seguida, recostou-se devagar. Agora, tinha uma aparência cansada, exibindo uma espécie de desespero silencioso. Não era um traço característico do Allanon que o pai de Brin descrevera com tanta frequência, e aquilo assustava-a.

— Vou pensar no assunto como pede — concordou ela, com a voz quase transformada num sussurro. — Mas preciso, pelo menos, desta noite. Preciso de tentar pôr em ordem os meus... sentimentos.

Allanon hesitou por um momento e depois assentiu.

— Conversaremos novamente de manhã. Reflete bem, Brin Ohmsford.

Começou a levantar-se e, de repente, Jair estava de pé à frente dele, com o rosto élfico corado.

— Bem, e eu? E o que acho eu disso? Se a Brin for, eu também vou! Não quero ser deixado para trás!

— Jair, podes esquecer... — começou Brin a negar, mas Allanon interrompeu-a com um olhar. Ergueu-se e contornou a mesa para se pôr diante do irmão dela.

— Tens coragem — disse baixinho, pousando uma mão no ombro magro do jovem. — Mas não é a tua magia que é necessária nesta jornada. A tua magia é a ilusão, e ilusões não nos levarão para além do Maelmord.

— Mas o senhor pode estar enganado — insistiu Jair. — Além disso, eu quero ajudar!

Allanon assentiu.

— E ajudarás. Há algo que tens de fazer enquanto eu e a Brin estivermos fora. Ficas responsável pela segurança dos teus pais e por garantir que os Espectros não os encontram antes de eu destruir o *Ildatch*. Tens de usar a canção para os proteger se os seres sombrios vierem procurá-los. Farás isso?

Brin não se importou com a presunção do Druida de que já estava decidido que ela iria com ele para as Terras do Oeste, e importou-se menos ainda com a sugestão de que Jair deveria usar a magia élfica como uma arma.

— Farei o que for preciso — disse Jair, com um tom amargo na voz. — Mas eu preferiria ir convosco.

A mão de Allanon soltou-lhe o ombro.

— Noutra ocasião, Jair.

— Pode ser que, para mim, também seja noutra ocasião — anunciou Brin, com firmeza. — Nada foi decidido ainda, Allanon.

O rosto escuro virou-se devagar.

— Não haverá outra ocasião para ti, Brin — disse, baixinho. — A tua hora é agora. Tens de ir comigo. Até amanhã, perceberás isso.

Acenando com a cabeça, começou a mover-se, passando por eles na direção da entrada escurecida, com as vestes negras apertadas contra o corpo.

— Onde vai, Allanon? — perguntou a jovem.

— Estarei por perto — respondeu ele, sem diminuir o passo. No instante seguinte, desaparecera. Brin, Jair e Rone Leah ficaram a olhar para a porta.

Rone foi o primeiro a falar.

— Bem, e agora?

Brin fitou-o.

— Agora, vamos dormir. — Levantou-se da mesa.

— Dormir! — O montanhês estava espantado. — Como podes dormir depois disto tudo? — Fez um gesto na direção em que o Druida desaparecera.

Brin atirou o longo cabelo negro para trás e sorriu, cansada.

— Como posso fazer outra coisa, Rone? Estou cansada, confusa e assustada, e preciso de descansar.

Aproximou-se dele e beijou-o ao de leve na testa.

— Passa a noite aqui. — Beijou também Jair e abraçou-o. — Vão dormir, os dois.

Brin seguiu apressada pelo corredor até ao seu quarto e fechou a porta atrás de si.

Dormiu durante algum tempo, um sono agitado e cheio de sonhos, em que os seus medos inconscientes tomaram forma e a assombraram como fantasmas. Perseguida e encurralada, acordou sobressaltada, com o travesseiro molhado de suor. Levantou-se, vestiu o roupão para se aquecer e passou silenciosamente pelos aposentos escuros da casa. Acendeu uma lamparina a óleo sobre a mesa da sala de jantar, mantendo a chama baixa, e sentou-se para observar as sombras em silêncio.

Uma sensação de desespero envolveu-a. O que deveria fazer? Lembrava-se bem das histórias contadas pelo pai e mesmo pelo avô Shea Ohmsford quando era criança — de como o Lorde Feiticeiro surgira nas Terras do Norte, varrendo tudo até Callahorn com o seu exército e cobrindo toda a terra com a sua sombra. Onde o Lorde Feiticeiro passava, a luz morria. E estava a acontecer novamente: as guerras de fronteira entre gnomos e anões; o Rio Prata envenenado e, com ele, a terra que se alimentava das suas águas; a escuridão caía sobre as Terras do Leste. Tudo como ocorrera setenta e cinco anos atrás. Dessa vez, também houvera uma forma de parar aquilo, de impedir que a escuridão alastrasse. Novamente, era um Ohmsford que estava a ser chamado a trilhar aquele caminho — invocado, aparentemente, porque não havia outra esperança.

Encolheu-se no calor do seu roupão. Aparentemente... eis a palavra-chave no que se referia a Allanon. Quanto de tudo aquilo seria apenas aparência? Quanto do que lhe fora dito seria verdade e quanto

seriam apenas meias-verdades? As histórias de Allanon eram sempre as mesmas. O Druida possuía poderes imensos e um grande conhecimento, mas só partilhava uma fração deles. Contava o que sentia que devia contar e nunca mais do que isso; manipulava os outros de acordo com os seus propósitos, que eram com frequência mantidos cuidadosamente escondidos. Quando alguém seguia pelo trilho de Allanon, fazia-o sabendo que o seu caminho seria mantido na escuridão.

Porém, o caminho dos Espectros de Mord poderia ser ainda mais sombrio, se fossem realmente uma outra forma do mal destruído pela Espada de Shannara. Tinha de pesar a escuridão de um contra a escuridão do outro. Allanon podia ser manipulador e ambíguo ao lidar com os Ohmsford, mas era um aliado das Quatro Terras. O que fazia, fazia para proteger as raças, não para as prejudicar. E sempre tivera razão nos seus avisos. Com certeza não haveria motivo para não acreditar nele desta vez.

Mas seria a magia da canção-desejo suficientemente forte para penetrar aquela barreira engendrada pelo mal? Brin achava difícil de acreditar. Não era a canção-desejo pouco mais do que um efeito colateral do uso da magia élfica? Não tinha sequer a força das Pedras Élficas. Não era uma arma. Mesmo assim, Allanon via-a como a única forma de ultrapassar a magia negra — a única forma, onde até o seu próprio poder falhara.

Ouviu o som de pés descalços a passarem suavemente pela entrada da sala de jantar, assustando-a. Rone Leah deslizou das sombras, foi até à mesa e sentou-se.

— Também não consegui dormir — resmungou, pestanejando por causa da luz da lamparina. — O que decidiste?

Ela abanou a cabeça.

— Nada. Não sei o que decidir. Não paro de me perguntar o que o meu pai faria.

— Isso é fácil — grunhiu Rone. — Ele mandar-te-ia esquecer tudo. É demasiado perigoso. E também diria, como já disse várias vezes, que não se pode confiar em Allanon.

Brin atirou o seu longo cabelo negro para trás e sorriu sem vontade.

— Não ouviste o que eu disse, Rone. Não paro de me perguntar o que o meu pai faria, não o que ele me diria para fazer. Não é a mesma coisa, sabes? Se lhe estivessem a pedir para ir, o que faria ele? Achas que

não iria, como quando Allanon foi ter com ele a Storlock, há vinte anos, mesmo sabendo que o Druida não era totalmente confiável, sabendo que havia mais do que estava a ser dito, mas sabendo também que possuía magia que podia ser útil e que mais ninguém além dele a possuía?

O montanhês mexeu-se, desconfortável.

— Mas, Brin, a canção-desejo é... bem, não é a mesma coisa do que as Pedras Élficas. Tu mesma o disseste. É apenas uma brincadeira.

— Eu sei. É isso que torna tudo mais difícil, isso e o facto de que o meu pai ficaria horrorizado se sequer pensasse por um minuto que eu poria a hipótese de tentar usar a magia como arma. — Fez uma pausa. — Mas a magia élfica é estranha. O seu poder nem sempre é visto com clareza. Às vezes, fica obscurecido. Foi assim com a Espada de Shannara. Shea Ohmsford nunca percebeu como uma coisa tão pequena poderia derrotar um inimigo tão forte como o Lorde Feiticeiro, até ser posto à prova. Simplesmente, continuou porque acreditava...

Rone inclinou-se abruptamente.

— Vou dizer-to mais uma vez: essa viagem é demasiado perigosa. Os Espectros de Mord são demasiado perigosos. Nem Allanon pode passar por eles; ele mesmo o disse. Seria diferente se pudesses usar as Pedras Élficas. Ao menos, elas têm poder suficiente para destruir criaturas como estas. Como usarias a canção-desejo se te confrontasses com essas coisas? Cantá-la-ias como costumas fazer com aquele velho ácer?

— Não troces de mim, Rone. — Brin estreitou os olhos.

Rone abanou rapidamente a cabeça.

— Não estou a troçar de ti. Preocupo-me demasiado contigo para o fazer. Só acho que a canção não é proteção suficiente contra algo como os Espectros!

Brin desviou os olhos, olhando para a noite através das janelas, observando os movimentos das sombras das árvores ao vento, ritmadas e graciosas.

— Também acho — admitiu em voz baixa.

Ficaram em silêncio por muito tempo, perdidos nos seus próprios pensamentos. O rosto moreno e cansado de Allanon pairava na mente de Brin, assombrando-a como um espectro acusador. *Tens de ir comigo. Perceberás isso até amanhã.* Ouvia as palavras de novo, da forma como ele as dissera. Mas o que a persuadiria dessa forma?, perguntou-se. Refletir sobre o assunto só parecia deixá-la ainda mais confusa. Os argumentos

estavam todos ali, arrumados, tanto os favoráveis a ir quanto os favoráveis a ficar, e, mesmo assim, a balança não pendia em nenhuma direção.

— Tu irias? — perguntou a Rone, de repente. — Se fosses tu a possuir a canção?

— Nem pensar — respondeu ele de imediato, demasiado depressa, demasiado nervoso.

Estás a mentir, Rone, disse Brin para si mesma. *Por minha causa, porque não queres que eu vá, estás a mentir. Se parasses para pensar, admitirias que tens as mesmas dúvidas que eu.*

— O que se passa? — Uma voz cansada saiu da escuridão.

Viraram-se e viram Jair parado no corredor, pestanejando, sonolento, por causa da luz. Aproximou-se deles e olhou de um para o outro.

— Estávamos só a conversar, Jair — respondeu Brin.

— Sobre ir procurar o livro mágico?

— Sim. Porque não voltas para a cama?

— E vais? Procurar o livro?

— Não sei.

— Se tiver um mínimo de bom senso, não vai — resmungou Rone. — É uma viagem demasiado perigosa. Diz-lhe, tigre. É a única irmã que tens e não queres os Caminhantes Negros a persegui-la.

Brin encarou-o, zangada.

— O Jair não tem nada a ver com isso, portanto para de tentar assustá-lo!

— Assustá-lo? Quem está a tentar assustá-lo? — O rosto de Rone ficou vermelho. — É a ti que estou a tentar assustar, com mil diabos!

— Além do mais, os Caminhantes Negros não me assustam — declarou Jair, com firmeza.

— Bem, mas deviam! — retorquiu Brin.

Jair encolheu os ombros, bocejando.

— Talvez devesse esperar até conseguirmos falar com o pai. Podíamos mandar uma mensagem ou coisa assim.

— Ora, aí está uma ideia sensata — aprovou Rone. — Pelo menos, espera até que o Wil e a Eretria tenham oportunidade de conversar contigo sobre isto.

Brin suspirou.

— Vocês ouviram o que Allanon disse. Não há tempo para isso.

O montanhês cruzou os braços sobre o peito.

— Ele poderia arranjar tempo, se fosse necessário. Brin, o teu pai pode ter uma visão diferente sobre o assunto. Afinal, ele tem o benefício da experiência; já usou a magia élfica.

— Brin, ele poderia usar as Pedras Élficas. — Jair arregalou os olhos. — Até poderia ir contigo! Poderia proteger-te com as Pedras, como protegeu a elfa, Amberle.

Foi então que Brin percebeu; aquelas poucas palavras deram-lhe a resposta de que estivera à procura. Allanon tinha razão. Ela tinha de ir com ele. Mas por um motivo que não tinha percebido até então. O pai insistiria em acompanhá-la. Tiraria as Pedras Élficas de onde estavam escondidas e iria com ela para a proteger. E era exatamente isso que ela devia evitar. O pai seria forçado a quebrar o seu voto de jamais voltar a usar as Pedras Élficas. Provavelmente, nem sequer concordaria em deixá-la acompanhar Allanon. Iria em vez dela, para que ela ficasse a salvo, assim como a sua mãe e Jair.

— Quero que voltes para a cama, Jair — disse Brin, de repente.

— Mas eu acabei...

— Vai. Por favor. Falaremos sobre isto de manhã.

Jair hesitou.

— E tu?

— Só vou demorar mais alguns minutos, juro. Só quero ficar aqui sozinha por algum tempo.

Jair observou-a por um momento com ar de dúvida, e depois assentiu.

— Está bem. Boa-noite. — Virou-se e voltou para a escuridão. — Mas não deixes de ir para a cama.

Os olhos de Brin encontraram os de Rone. Conheciam-se desde muito pequenos, e havia vezes em que um sabia o que o outro estava a pensar sem trocarem uma palavra. Aquela era uma dessas ocasiões.

O montanhês levantou-se lentamente, com o rosto magro cheio de determinação.

— Está bem, Brin. Eu também percebi. Mas vou contigo. E vou ficar contigo até ao fim.

Ela assentiu lentamente. Sem mais uma palavra, ele desapareceu pelo corredor, deixando-a sozinha.

Os minutos passaram. Brin repensou tudo novamente, pesando com cuidado os argumentos. No final, a sua resposta foi a mesma. Não

podia permitir que o pai quebrasse um voto por sua causa, que arriscasse usar novamente a magia élfica que renegara. Não podia.

Então, levantou-se, apagou a chama da lamparina e avançou, não na direção do seu quarto, mas até à porta da frente. Soltando a tranca, abriu a porta com cuidado e saiu para a noite. O ventou bateu-lhe no rosto, frio e cheio dos cheiros do outono. Ficou parada por um momento, enfrentando as sombras, e depois seguiu o caminho em redor da casa até ao jardim das traseiras. Os sons noturnos enchiam o silêncio, numa cadência firme de vida invisível. No extremo do jardim, por baixo de um imenso carvalho, parou e olhou em redor, à espera.

Um momento depois, Allanon apareceu. De alguma forma, ela sabia que assim seria. Negro como as sombras à sua volta, ele deslizou silenciosamente de entre as árvores para se pôr diante dela.

— Já decidi — sussurrou Brin, numa voz firme. — Vou consigo.

Capítulo 3

A manhã chegou depressa, com uma pálida luz prateada que se infiltrou pela névoa da madrugada e fez as sombras fugirem para oeste. Os ocupantes da casa dos Ohmsford remexeram-se, acordando de um sono inquieto. Em poucas horas, começaram a fazer os preparativos para a partida de Brin na direção das Terras do Leste. Rone foi à hospedaria reservar cavalos, arreios, armas e mantimentos. Brin e Jair empacotaram roupas e material de acampamento. Foram cumprindo as suas tarefas com pragmatismo, conversando pouco. Ninguém tinha muito a dizer. Ninguém tinha grande disposição para falar.

Jair Ohmsford sentia-se especialmente taciturno, arrastando-se pela casa enquanto fazia o seu trabalho num silêncio determinado. Estava bastante aborrecido, pois Brin e Rone iriam para leste com Allanon, enquanto ele ficaria para trás. Aquilo fora decidido logo de manhã, praticamente momentos depois de ele sair da cama. Reunindo-se na sala de jantar como haviam feito na noite anterior, tinham discutido brevemente a decisão de Brin de ir até Anar — e parecera tratar-se de uma decisão já conhecida por todos, menos por ele. Em seguida, viera a determinação de que, enquanto Brin e Rone fariam aquela viagem, ele não a faria. Era verdade que o Druida não ficara contente com a insistência de Rone em que, se Brin fosse, ele também iria, pois ela precisaria de alguém com quem pudesse contar, alguém em quem pudesse confiar. Não, o Druida não ficara nada contente. De facto, só concordara com a ida de Rone depois de Brin ter admitido que se sentiria melhor com o rapaz. Mas, quando Jair sugerira que ela se sentiria ainda melhor com ele também por perto — afinal, ele também possuía a magia da canção-desejo e poderia ajudar a protegê-la —, os três haviam parado abruptamente e dito “não” com firmeza. Demasiado perigoso, dissera Brin. A viagem seria demasiado longa e difícil, acrescentara Rone. *Além disso, precisamos de ti aqui, lembrara-lhe Allanon. Tens uma responsabilidade para com os teus pais. Tens de usar a tua magia para os proteger.*

Dito isso, Allanon desaparecera e não houvera outra oportunidade

para debater o assunto com ele. Para Rone, o Sol girava em volta de Brin, por isso, naturalmente, ele não iria contra os desejos dela, e Brin já tomara a sua decisão. Logo, não havia nada a fazer. Parte do problema da irmã, claro, era ela não o compreender. Na verdade, Jair nem sabia ao certo se ela se compreendia durante a maior parte do tempo. Em dado momento durante os preparativos, com Allanon ainda desaparecido e Rone ainda na aldeia, levantou o assunto das Pedras Élficas.

— Brin... — Empacotavam cobertores sobre o chão da sala, enrolando-os numa lona. — Brin, eu sei onde o pai esconde as Pedras Élficas.

Ela levantou os olhos de imediato.

— Calculei que soubesses.

— Bem, ele fez tanto mistério à volta disso...

— E tu não gostas de segredos, não é? Tiraste-as de lá?

— Só para as ver — admitiu Jair, e inclinou-se para a frente. — Brin, acho que devias levar as Pedras contigo.

— Para quê? — Havia um toque de raiva na sua voz.

— Para te protegeres. Por causa da magia.

— Da magia? Ninguém pode usar a magia delas, a não ser o pai, e sabes muito bem disso.

— Bem, talvez...

— Além do mais, sabes como ele se sente em relação às Pedras Élficas. Já é suficientemente mau eu ter de fazer esta viagem, mas ainda por cima levar as Pedras? Não estás a pensar com clareza, Jair.

Foi então que Jair se irritou.

— Tu é que não estás a pensar. Nós os dois sabemos como essa jornada vai ser perigosa. Vais precisar de toda a ajuda possível. As Pedras Élficas podem ajudar muito; só tens de descobrir como fazê-las funcionar. Deves conseguir fazer isso.

— Ninguém além do legítimo dono pode...

— Usar as Pedras? — O nariz dele estava quase encostado ao dela. — Mas talvez connosco não seja assim, Brin. Afinal, já temos a magia élfica dentro de nós. Temos a canção-desejo. Talvez consigamos fazer as Pedras funcionar!

Houve um longo e intenso silêncio.

— Não — disse ela, por fim. — Não, nós prometemos ao pai que jamais tentaríamos usar as Pedras Élficas...

— Ele também nos fez prometer não usar a magia élfica, lembras-te?

Mas nós usamo-la... sim, até tu, às vezes. E não é isso que Allanon quer que uses para alcançares a fortaleza dos Espectros de Mord? Não é? Então, qual é a diferença entre usar a canção-desejo e as Pedras Élficas? Magia élfica é magia élfica!

Brin encarou-o em silêncio, com uma expressão distante e perdida nos olhos escuros. Depois, virou-se novamente para os cobertores.

— Não importa. Não vou levar as Pedras. Olha, ajuda-me a amarrar isto.

E não fez mais comentários, tal como acontecera com o assunto da sua ida com eles para as Terras do Leste. Não lhe foi oferecida mais nenhuma explicação; ela simplesmente decidira não levar as Pedras, mesmo que pudesse usá-las. Jair não compreendia. Não a compreendia. No lugar dela, teria aceitado as Pedras de imediato. Levá-las-ia consigo e descobriria uma maneira de as usar, porque eram uma arma muito poderosa contra a magia negra. Mas Brin... Brin nem sequer conseguia ver a incoerência de concordar em usar a magia da canção-desejo e recusar-se a usar a magia das Pedras.

Jair passou o resto da manhã a tentar compreender o raciocínio da irmã — ou a falta dele. As horas escoaram-se depressa. Rone voltou com cavalos e mantimentos, e um almoço rápido que foi consumido à sombra fresca dos carvalhos do jardim. De repente, Allanon estava ali de novo, tão sombrio ao meio-dia como na noite mais escura, esperando com a paciência da Morte, e, de súbito, o tempo esgotara-se. Rone apertou a mão a Jair, batendo-lhe rudemente nas costas e arrancando-lhe uma promessa de cuidar dos pais quando voltassem. Depois foi Brin, cujos braços o apertaram com força.

— Adeus, Jair — sussurrou ela. — Lembra-te, eu amo-te.

— Também te amo — conseguiu ele dizer, retribuindo o abraço.

No momento seguinte estavam montados, e os cavalos seguiam na direção da estrada de terra. Ergueram os braços em despedida, acenando enquanto ele acenava também. Jair esperou até estarem fora de vista, antes de limpar uma lágrima indesejada do olho.

Naquela mesma tarde, mudou-se para a hospedaria. Fê-lo por causa da possibilidade anunciada por Allanon de os Espectros ou os seus aliados gnomos andarem à procura do Druida nas terras a oeste do Rio Prata. Se os inimigos dele alcançassem o Vale Sombrio, a casa dos Ohmsford

seria o primeiro lugar onde o buscariam. Além do mais, a hospedaria era muito mais interessante, com os seus quartos cheios de viajantes de todas as terras, cada um com uma história diferente para contar, cada um com uma informação diferente para partilhar. Jair preferia claramente a emoção das histórias contadas, acompanhadas de um copo de cerveja no salão da taberna, ao tédio de uma casa vazia.

Enquanto se dirigia para a hospedaria com alguns itens pessoais, o calor do Sol da tarde no seu rosto ajudou a mitigar a decepção de ter sido deixado para trás. Admitia que havia bons motivos para ficar. Alguém tinha de explicar aos pais o que acontecera a Brin, quando eles voltassem. Não seria fácil. Visualizou por um momento o rosto do pai quando soubesse o que acontecera e abanou a cabeça, aborrecido. O pai não ficaria contente. Provavelmente, insistiria em ir atrás de Brin, talvez até com as Pedras Élficas.

Uma expressão determinada marcou-lhe o rosto de repente. Se isso acontecesse, também iria. Não seria deixado para trás uma segunda vez.

Deu um pontapé nas folhas caídas no caminho, espalhando-as numa chuva colorida. O pai não veria as coisas daquela forma, claro. Nem a mãe, aliás. Mas ele tinha duas semanas inteiras para descobrir como os convencer de que deveria ir.

Continuou a andar, um pouco mais devagar, deixando a ideia acomodar-se-lhe na mente de modo tentador. Depressa a pôs de lado. O que devia fazer era contar-lhes o que acontecera a Brin e Rone e depois acompanhá-los até Leah, onde todos deveriam ficar sob a proteção do pai de Rone até a missão ser cumprida. Era isso que devia fazer, logo, era o que faria. Claro que Wil Ohmsford poderia decidir não seguir aquele plano. E Jair era, acima de tudo, filho do seu pai, por isso era de esperar que tivesse algumas ideias próprias.

Sorriu e apressou o passo. Teria de trabalhar nisso.

O dia passou. Jair Ohmsford comeu na hospedaria com a família que tomava conta do negócio pelos pais, oferecendo-se para ajudar na manhã seguinte, e depois foi até à sala de estar para ouvir as histórias contadas pelos viajantes que passavam pelo vale. Houve mais de uma menção aos Caminhantes Negros, aos Espectros de Mord vestidos de preto, que ninguém vira, mas que todos sabiam serem reais, os seres malignos que podiam tirar a vida de dentro de alguém apenas com um olhar. Saíam da escuridão da terra, avisavam vozes em sussurros roucos, e as cabeças

assentiam em concordância. O melhor seria nunca encontrar algo assim. Até Jair se sentiu um pouco inquieto com essa possibilidade.

Ficou com os contadores de histórias até depois da meia-noite, quando foi para o quarto. Dormiu profundamente, acordando ao amanhecer, e passou a manhã a trabalhar na hospedaria. Já não se sentia tão mal por ter sido deixado para trás. Afinal, o seu papel em tudo aquilo também era importante. Se os Espectros realmente soubessem das Pedras Élficas e fossem procurar o seu dono, Wil Ohmsford correria tanto perigo como a filha — talvez ainda mais. Portanto, era dever de Jair manter os olhos abertos, para garantir que nada de mau aconteceria ao pai antes que ele pudesse ser avisado.

Ao meio-dia, Jair terminou o trabalho e o estalajadeiro agradeceu-lhe e mandou-o descansar. Assim, foi até à floresta atrás da hospedaria, onde não havia mais ninguém, e fez experiências com a canção-desejo durante horas, usando a magia de várias formas, satisfeito com o controlo que era capaz de exercer. Pensou novamente nos constantes avisos do pai para que não usasse a magia élfica. O pai não compreendia, apenas isso. A magia fazia parte de Jair, e usá-la era algo tão natural como usar os braços e as pernas. Não podia fingir que desaparecera, assim como não podia fingir o desaparecimento dos seus membros! Os pais estavam sempre a dizer que a magia era perigosa. Por vezes, Brin também o dizia, embora com muito menos convicção, já que também era culpada de a usar. Jair estava convencido de que o diziam simplesmente por ele ser mais novo do que Brin e por se preocuparem com ele. Não vira nada que sugerisse que a magia era perigosa; até ver, pretendia continuar a usá-la.

No caminho de volta, quando as primeiras sombras do anoitecer começavam a deslizar por entre a luz do Sol do fim da tarde, ocorreu-lhe que talvez devesse verificar a casa — apenas para ter a certeza de que nada acontecera. Estava trancada, claro, mas não faria mal verificar na mesma. Afinal, tomar conta da casa era responsabilidade sua.

Refletiu sobre o assunto enquanto caminhava, decidindo-se finalmente a esperar até depois do jantar para fazer a inspeção. Naquele momento, comer era mais urgente do que fazer o percurso até à casa. Usar a magia abria-lhe sempre o apetite.

Abriu caminho pelo trilho da floresta que ia até às traseiras da hospedaria, aspirando o cheiro do dia de outono e pensando nos batedores. Era fascinado por eles. Os batedores eram homens especiais, capazes de

reconstituir os movimentos de qualquer coisa viva através do mero estudo do terreno por onde passavam. A maioria sentia-se mais à vontade em ambientes selvagens do que em comunidades. A maioria preferia a companhia dos seus. Jair falara com um batedor uma vez — anos antes, parecia-lhe —, um sujeito velho e com uma perna partida, trazido até à hospedaria por alguns viajantes que o haviam encontrado por acaso. O velho ficara lá quase uma semana, esperando que a perna se recompusse o suficiente para poder partir de novo. No início, não quisera conversar com Jair, apesar da insistência do rapaz — nem com ninguém, aliás —, mas Jair mostrara-lhe um pouco da sua magia, apenas um leve toque. Intrigado, o velho conversara com ele, pouco ao princípio, mas abrindo-se depois progressivamente. E as histórias que ele tinha para contar...

Jair virou para a estrada ao lado da hospedaria, dirigindo-se para a entrada lateral, fazendo um sorriso largo ao lembrar-se dessa ocasião. Foi então que viu o gnomo.

Por um instante, pensou que os olhos lhe estavam a pregar partidas e parou onde estava, com a mão na maçaneta da porta enquanto olhava para o outro lado da estrada, para a cerca onde a retorcida figura amarelada se encontrava. O rosto enrugado virou-se na sua direção, os olhos astutos procuraram os seus, e soube imediatamente que não estava enganado.

Abriu a porta da hospedaria à pressa e entrou. Encostado à porta fechada, sozinho no corredor, tentou acalmar-se. Um gnomo! O que fazia um gnomo no Vale Sombrio? Um viajante, talvez? Mas poucos gnomos viajavam por ali — poucos, na verdade, ultrapassavam os limites familiares das florestas das Terras do Leste. Não conseguia lembrar-se da última vez que vira um gnomo no vale. Mas estava ali um. Talvez mais do que um.

Afastou-se rapidamente da porta e atravessou o corredor até parar diante de uma janela que se abria para a estrada. Com cuidado, espreitou por cima do parapeito, com o rosto élfico concentrado, estudando o quintal e a cerca do outro lado. O gnomo continuava de pé onde Jair o vira, olhando ainda na direção da hospedaria. O jovem procurou mais um pouco. Não viu outros.

Encostou-se de novo à parede. O que deveria fazer? Teria sido uma coincidência que trouxera o gnomo ao vale quando Allanon avisara que

os Espectros poderiam andar à procura deles? Ou não teria sido por acaso? Jair esforçou-se por acalmar a respiração. Como poderia descobrir? Como ter a certeza?

Inspirou fundo. A primeira coisa que precisava de fazer era de manter a calma. Um gnomo não era uma grande ameaça. O seu olfato detetou o cheiro de ensopado de carne em preparação e apercebeu-se de que estava com fome. Hesitou por mais um instante e dirigiu-se à cozinha. O melhor a fazer era pensar no assunto durante o jantar, comer uma boa refeição e decidir um plano de ação. Fez um aceno de aprovação para si mesmo enquanto andava. Tentaria pôr-se no lugar de Rone. Rone saberia o que fazer se ali estivesse. Jair tentaria fazer o mesmo.

O ensopado estava excelente e Jair, faminto; porém, teve dificuldade em concentrar-se na comida sabendo que o gnomo estava ali perto, observando. Quando ia a meio da refeição, lembrou-se subitamente da casa vazia e desprotegida e das Pedras Élficas lá escondidas. Se o gnomo ali estava a mando dos Caminhantes Negros, então poderia ter sido ali enviado por causa das Pedras Élficas, ou dos Ohmsford, ou de Allanon. E poderia haver outros, já à procura...

Empurrou o prato, engoliu o resto da cerveja e saiu a correr da cozinha, voltando ao corredor com a janela. Com cuidado, espreitou lá para fora. O gnomo desaparecera.

Sentiu o coração a acelerar. E agora? Virou-se e correu novamente pelo corredor. Precisava de voltar para casa. Tinha de ter a certeza de que as Pedras estavam seguras, e depois... Diminuiu o passo de repente. Não sabia o que faria depois. Teria de pensar na altura. Apressou o passo outra vez. O mais importante era ver se tinham ou não tentado invadir-lhe a casa.

Passou pela porta lateral por onde entrara e continuou na direção das traseiras do edifício. Sairia por um caminho diferente só para o caso de o gnomo estar mesmo à procura dele — ou de, mesmo que não estivesse, ter suspeitado do interesse furtivo do habitante do vale. *Não devia ter parado para olhar para ele*, disse para si mesmo, zangado. *Devia ter continuado em frente e depois virado*. Mas era demasiado tarde.

A passagem terminava numa porta nas traseiras do prédio principal. Jair parou à escuta por um momento, recriminando-se pela sua tolice; depois, abriu a porta devagar e saiu. As sombras noturnas projetadas

pelas árvores da floresta estendiam-se escuras e frias pelo chão, manchando as paredes e o teto da hospedaria. Acima dele, o céu escurecia. Jair olhou depressa em redor e correu na direção das árvores. Poderia cortar caminho pela floresta, mantendo-se fora da estrada até ter a certeza que...

— A dar uma volta, rapaz?

Jair ficou paralisado. O gnomo saiu silenciosamente do meio das árvores escuras diante dele. As feições duras e rudes contorceram-se-lhe num sorriso cruel. O gnomo estivera à sua espera.

— Ah, eu vi-te, rapaz. Vi-te logo. Reconheci-te imediatamente. Feições mestiças, élficas e humanas; não existem muitos como tu. — Parou a poucos passos de distância, com as mãos retorcidas pousadas sobre o quadril e o sorriso fixo. A roupa de couro cobria uma figura forte; as botas e os protetores dos pulsos eram reforçados com ferro, tinha facas e uma espada curta presas ao cinto. — És um dos jovens Ohmsford, não és? O miúdo Jair?

A palavra *miúdo* doeu.

— Afasta-te de mim — avisou Jair, assustado, tentando desesperadamente não deixar o medo transparecer na voz.

— Afastar-me de ti? — O gnomo deu uma gargalhada aguda. — E se eu não me afastar, o que vais fazer, mestiço? Atirar-me ao chão, talvez? Tirar-me as armas? Tens coragem para isso?

Deu outra gargalhada, baixa e gutural. Pela primeira vez, Jair percebeu que o gnomo estava a falar com ele na língua usada pelos sulistas e não na áspera linguagem do seu povo. Os gnomos raramente usavam qualquer língua que não a sua; eram um povo insular que não queria nada com as outras terras. Aquele gnomo tinha passado muito tempo nas Terras do Leste, para ser tão fluente.

— Agora, rapaz... — O gnomo interrompeu-lhe os pensamentos. — Vamos ser racionais, tu e eu. Estou à procura do Druida. Diz-me onde ele está, aqui ou em qualquer outro lugar, e eu vou-me embora.

Jair hesitou.

— Druida? Não conheço nenhum Druida. Não sei do que estás...

O gnomo abanou a cabeça e suspirou.

— Vamos brincar, então? Que azar o teu, rapaz. Acho que vamos ter de o fazer da maneira mais difícil.

Dirigiu-se a Jair com as mãos estendidas. Por instinto, Jair desviou-se

e usou a canção-desejo. Teve um momento de hesitação, um momento de incerteza — pois nunca usara a magia contra outro ser humano —, e depois usou-a. Soltou um som baixo e sibilante, e surgiu um amontoado de cobras, prendendo-se com força em redor dos braços esticados do gnomo. A criatura uivou em desalento, sacudindo os braços desesperadamente num esforço para se soltar das cobras. Jair olhou em volta, encontrou um galho partido de uma árvore do tamanho de um cajado, pegou-lhe com as duas mãos e atingiu com força a cabeça do gnomo, que grunhiu e caiu no chão sem se mover.

Jair soltou o galho, com as mãos trémulas. Tê-lo-ia matado? Com cuidado, ajoelhou-se ao lado do gnomo caído e procurou-lhe a mão. Sentiu-lhe o pulso. O gnomo não estava morto, apenas inconsciente. Jair endireitou-se. E agora, o que faria? O gnomo estava à procura de Allanon, sabendo que ele tinha vindo ao Vale Sombrio ter com os Ohmsford, sabendo... sabendo sabe-se lá o que mais! Sabendo demasiado, de qualquer forma, para que Jair pudesse continuar no vale, especialmente agora que tinha usado a magia. Abanou a cabeça, zangado. Não devia tê-la usado; devia tê-la mantido em segredo. Mas, agora, era demasiado tarde para se arrepender. Achava que o gnomo não estava sozinho. Haveria outros, provavelmente em sua casa. E era para lá que deveria ir, pois era onde as Pedras Élficas estavam escondidas.

Olhou em redor, organizando rapidamente os pensamentos. A vários metros de distância havia uma arca de madeira. Pegando no gnomo pelos pés, arrastou-o até lá, abriu a tampa, empurrou o prisioneiro lá para dentro, baixou a tampa de novo e correu a tranca de metal. Sorriu, apesar de tudo. Aquela arca estava bem construída. O gnomo não conseguiria sair dali durante algum tempo.

Voltou a correr para a hospedaria. Apesar de precisar de se apressar, tinha de avisar o estalajadeiro do seu destino — ou toda a aldeia iria vasculhar os arredores à sua procura. Uma coisa era Brin e Rone desaparecerem; isso fora fácil de explicar, dizendo simplesmente que tinham ido visitar Leah e que Jair decidira ficar no vale. Seria bem diferente se ele também desaparecesse, já que não haveria ninguém para fornecer um álibi. Então, fingindo tranquilidade e sorrindo com encanto, anunciou que tinha mudado de ideias e iria para as terras altas na manhã seguinte. Passaria aquela noite em casa para arrumar as coisas. Quando o estalajadeiro lhe perguntou o que lhe fizera mudar de ideias tão abruptamente,

o jovem explicou que recebera uma mensagem de Brin. Antes que surdissem mais perguntas, saiu.

Misturou-se com as árvores com agilidade, correndo pela escuridão na direção de casa. Suava bastante, por causa da ansiedade e do entusiasmo. Não estava assustado — pelo menos ainda não —, provavelmente porque ainda não tinha parado tempo suficiente para pensar no que estava a fazer. Além disso, continuou a dizer a si mesmo, tinha tratado daquele gnomo, não tinha?

Os ramos das árvores batiam-lhe no rosto. Continuou a correr, sem se preocupar em baixar-se, com os olhos fixos na escuridão à sua frente. Conhecia bem aquela parte da floresta. Mesmo na escuridão crescente, encontrou o caminho com facilidade, movendo-se em silêncio, escutando com atenção os sons à sua volta.

A poucos metros de casa, escondeu-se em silêncio num pequeno grupo de pinheiros, abrindo caminho até conseguir distinguir a estrutura escura através dos galhos cheios de agulhas. Pondo-se de gatas, espreitou através da escuridão, procurando. Não havia nenhum som, nenhum movimento, nenhum sinal de vida. Tudo parecia estar como devia. Parou para afastar uma mecha de cabelo que lhe caíra no rosto. Devia ser simples. Tudo o que tinha de fazer era ir disfarçadamente até à casa, recuperar as Pedras e voltar a sair. Se não houvesse mesmo ninguém a ver, seria fácil...

Alguma coisa se moveu entre os carvalhos na parte de trás da casa — apenas uma sombra momentânea, e depois mais nada. Jair respirou fundo e esperou. Os minutos passaram. Os insetos zumbiam em seu redor, famintos, mas ele ignorou-os. Foi então que viu o movimento pela segunda vez, agora mais claro. Era um homem. Não, não um homem, corrigiu-se logo — era um gnomo.

Recostou-se. Bem, com gnomo ou sem ele, tinha de lá ir. E, se havia um, provavelmente haveria mais, esperando, observando — mas sem saberem quando ou se ele voltaria. O suor correu-lhe pelas costas; tinha a garganta seca. O tempo escapava-lhe. Precisava de sair do vale. Mas não podia deixar as Pedras.

Não lhe restava alternativa senão usar a canção.

Parou um momento para dar à voz o tom desejado, imitando o zumbido dos mosquitos que o cercavam, ainda presentes no calor do início do outono, sem que o toque do inverno os tivesse já afugentado. Saiu da

cobertura dos pinheiros, deslizando pela floresta esparsa. Já usara aquele truque uma ou duas vezes, mas nunca sob condições tão desfavoráveis como aquelas. Moveu-se em silêncio, deixando que a sua voz o tornasse parte da noite na floresta, sabendo que, se fizesse tudo corretamente, permaneceria invisível aos olhos que vigiavam, procurando-o. À medida que percorria a distância, a casa ficava cada vez mais próxima. Viu outra vez o gnomo de guarda nas árvores defronte da construção sem luz. De repente, viu outro, mais para a direita, perto dos arbustos altos em frente da casa — e depois outro, do outro lado da estrada, numa árvore. Nenhum deles olhou na sua direção. Queria correr tão depressa como o vento noturno, para alcançar a escuridão da casa, mas manteve o passo firme e a voz num leve zumbido regular. *Por favor, não me vejam, rezou. Por favor, não olhem.*

Atravessou o relvado, passando das árvores para os arbustos, com os olhos a dardejear para ver os gnomos que o rodeavam. A porta de trás, pensou enquanto prosseguia — seria o caminho mais fácil para entrar, à sombra dos arbustos altos e floridos, ainda cheios de folhas...

Um chamamento repentino de algum ponto atrás da casa fê-lo parar abruptamente, assustado e paralisado a meio de um passo. O gnomo que estava nas traseiras da casa dos Ohmsford saiu de entre os carvalhos, com a luz da Lua a brilhar sobre a faca que transportava. Novamente, o chamamento soou, e depois gargalhadas inesperadas. A lâmina foi baixada. Eram vizinhos, brincando e conversando na noite quente de outono, depois do jantar. O suor ensopava a túnica de Jair, e pela primeira vez, sentiu medo. A pouco mais de dez metros de distância, o gnomo que saíra de entre os carvalhos virou-se e desapareceu novamente entre eles. A voz de Jair tremeu, mas logo se fortaleceu, mantendo-o escondido. Prosseguiu com pressa.

Parou à porta, deixando a canção-desejo esbater-se por um momento e tentando desesperadamente acalmar-se. Remexendo nos bolsos, encontrou finalmente a chave da casa, colocou-a na fechadura e virou-a com cuidado. A porta abriu-se sem fazer um som. Num instante, entrou.

Parou de novo na escuridão. Algo estava errado. Podia senti-lo, mais do que descrevê-lo — era uma sensação gelada que ia até aos ossos. Algo estava errado. A casa... havia algo de errado com a casa; estava diferente... Ficou em silêncio, esperando que os seus sentidos lhe revelassem o que estava escondido. Ali parado, tornou-se progressivamente

consciente de que havia algo na casa além dele, algo terrível, algo tão maligno que a sua simples presença empestava o ar de medo. O que quer que fosse, parecia estar em todo o lado, um manto negro e insidioso que cobria a casa dos Ohmsford como uma mortalha. Uma coisa, sussurrou a sua mente, uma coisa...

Um Espectro de Mord.

Parou de respirar. Um Caminhante — ali, em sua casa! Ficou realmente apavorado, e a certeza da sua suspeita tirou-lhe o resto da coragem. Aquilo estava à espera na sala contígua, na escuridão, Jair sentia-o. Sabia que ele estava ali e viria até si — que não seria capaz de resistir!

Por um momento, teve a certeza de que ia desistir e fugir, vencido pelo pânico que o percorria. Mas, então, pensou nos pais, que voltariam desprevenidos se ele falhasse, e nas Pedras Élficas, a única arma que os seres sombrios temeriam — escondidas a poucos metros de onde estava.

Não pensou mais, simplesmente agiu. Como uma sombra silenciosa, foi até à lareira de pedra da cozinha, Tateando com os dedos a superfície áspera no ponto em que a pedra se curvava contra a parede, numa série de cantos de prateleiras. No final da terceira prateleira, a pedra deslizou sob o seu toque e a mão fechou-se-lhe em volta de uma pequena bolsa de couro.

Algo se mexeu na outra sala.

A porta de trás abriu-se de repente e uma forma corpulenta surgiu. Jair comprimiu-se contra a parede, escondido nas sombras, pronto para fugir. Mas a figura passou por ele sem diminuir o passo, de cabeça curvada como se procurasse o caminho. Foi até à sala da frente e, numa voz baixa e gutural, conversou num sussurro com a criatura que lá esperava.

No instante seguinte, Jair movia-se — passando pela porta ainda aberta, de volta às sombras dos arbustos floridos. Parou o tempo suficiente para perceber que fora o gnomo que estava de guarda aos carvalhos que entrara na casa e depois correu para a proteção das árvores. *Mais depressa, mais depressa!*, gritava mentalmente.

E, sem olhar para trás, Jair Ohmsford fugiu para a noite.

Capítulo 4

A fuga mostrou-se complicada. Já houvera uma ocasião em que os Ohmsford haviam fugido do vale na calada da noite, perseguidos por coisas sombrias que iriam segui-los por todas as Quatro Terras. Mais de setenta anos haviam passado desde que Shea e Flick Ohmsford tinham saído da sua casa na hospedaria do Vale Sombrio, mal conseguindo escapar da monstruosidade alada que era o Portador da Caveira enviado pelo Lorde Feiticeiro para os destruir. Jair conhecia aquela história; pouco mais velhos do que ele, tinham fugido para leste, na direção dos anões e de Culhaven. Mas Jair Ohmsford não era menos capaz do que eles. Também fora criado no vale e sabia algumas coisas sobre como sobreviver em terreno desconhecido.

Fugia pelas florestas do vale, levando consigo pouco mais do que as roupas do corpo, a faca de caça presa ao cinto, que os habitantes do vale usavam, e a bolsa de couro com as Pedras dentro da túnica. Fugia com confiança na sua capacidade de abrir caminho em segurança até ao seu destino. Não havia pânico na sua fuga, apenas uma sensação aguda de expectativa. Por apenas um momento — quando estivera parado na cozinha da casa, escondido na sombra da grande lareira, escutando o silêncio, sabendo que a apenas uma sala de distância um dos Espectros o esperava, e sentindo o mal daquela criatura permear o ar que respirava — sentira medo de verdade. Mas isso ficara para trás, perdido na escuridão que deslizava cada vez mais para o passado enquanto continuava a correr. Já conseguia pensar com clareza e determinação.

O destino que escolhera para fugir do vale era Leah. Era uma viagem de três dias, mas que já antes fizera e poderia voltar a fazer sem o risco de se perder. Além disso, a ajuda que não podia encontrar no vale poderia ser encontrada em Leah. O Vale Sombrio era apenas uma pequena aldeia, e o seu povo não estava preparado para se defender dos Caminhantes Negros ou dos seus aliados gnomos. Mas Leah era uma cidade; as terras altas eram governadas por uma monarquia e protegidas por um

exército permanente. O pai de Rone Leah era o rei e um bom amigo da família Ohmsford. Jair contar-lhe-ia o que acontecera, persuadindo-o a enviar patrulhas para sul, em busca dos seus pais, para que pudessem ser avisados do perigo que os esperava no vale, e todos eles poderiam refugiar-se na cidade até que Allanon regressasse com Brin e Rone. Na opinião de Jair, era um plano excelente, e não lhe ocorria qualquer motivo para que não fosse bem-sucedido.

Mesmo assim, o jovem não queria deixar nada ao acaso. Fora por isso que trouxera as Pedras Élficas, tirando-as do esconderijo onde poderiam ter sido encontradas, embora trazê-las significasse revelar ao pai que sempre soubera onde estavam escondidas.

Enquanto corria, avançando com firmeza pelas florestas do vale até aos seus limites, tentava lembrar-se de tudo o que o velho batedor lhe explicara sobre como disfarçar um rasto aos olhos de perseguidores. Jair e o velho tinham feito daquilo um jogo, cada um inventando novas e diferentes formas de complicar as perseguições imaginárias que faziam parte do jogo, deliciando-se mutuamente com uma espécie de engenho cruel. A principal vantagem do batedor era a sua experiência. A de Jair era a sua imaginação desenfreada. Agora, aquele jogo aventureiro tornara-se real, e a sua criatividade, só por si, não bastaria. Precisava de um pouco da experiência do velho, e tentava chamar à memória tudo o que conseguia recordar.

O tempo era a sua maior preocupação. Quanto mais depressa chegasse às terras altas, mais depressa as patrulhas partiriam em busca dos seus pais. Acontecesse o que acontecesse, eles não deveriam voltar para o vale desprevenidos. Portanto, não podia perder minutos preciosos a disfarçar o seu rasto para leste. Essa decisão foi reforçada pelo facto de as suas capacidades serem claramente limitadas e por não ter a certeza de que os gnomos e o seu líder sombrio estivessem a persegui-lo. Supunha que assim seria, claro, principalmente depois do que ouvira ao gnomo que trancara na caixa. Mesmo assim, eles ainda teriam de lhe descobrir o rasto e isso iria atrasá-los um pouco, mesmo que adivinhassem que direcção tomara. Conseguira um avanço, e precisava de tirar vantagem deste. Correria depressa e sem desvios, com um objetivo bem determinado, e eles que tentassem apanhá-lo.

Além do mais, mesmo que o alcançassem, ainda podia usar a canção-desejo para se proteger.

Por volta da meia-noite, chegou à muralha leste que protegia o Vale Sombrio, escalou a encosta rochosa até ao topo e desapareceu no Duln. Usando a Lua e as estrelas para se orientar, prosseguiu pela floresta escura, reduzindo o passo para conservar as forças. Estava a ficar cansado, não tendo dormido desde a noite anterior, mas queria ter a certeza de ter cruzado o Rappahalladran antes de parar para descansar. Isso significava que tinha de caminhar até amanhecer, e seria uma jornada difícil. O Duln era um terreno de florestas, difícil de transpor, mesmo nas melhores condições, e a escuridão transformava frequentemente a paisagem num labirinto traiçoeiro. Porém, Jair já viajara por ali à noite noutras ocasiões, e estava confiante de que iria encontrar o seu caminho. Por isso, deitando um olhar cuidadoso ao emaranhado da floresta que se estendia à sua frente, continuou.

O tempo arrastava-se com pés de chumbo, mas, finalmente, o céu noturno começou a clarear a leste. Jair estava exausto, com o corpo esguio entorpecido pela fadiga, as mãos e o rosto cortados e magoados pela floresta. Ainda não chegara ao rio. Pela primeira vez, preocupou-se com a possibilidade de o seu sentido de orientação lhe ter falhado e ter caminhado para norte ou para sul do seu destino. Sabia que ainda se dirigia para leste, pois o Sol nascia precisamente à sua frente. Mas onde estava o Rappahalladran? Ignorando o cansaço e o crescente sentimento de preocupação, prosseguiu aos tropeções.

O Sol já nascera há uma hora quando finalmente alcançou as margens do rio. Rápido e fundo, o Rappahalladran agitava-se em direção a sul através da escuridão silenciosa da floresta. Jair já pusera de lado os planos de atravessar o rio. As correntes eram demasiado perigosas para tentar uma travessia enquanto não tivesse descansado. Encontrando um amontoado de pinheiros perto da água, estendeu-se na sombra gelada dos seus galhos e adormeceu de imediato.

Acordou outra vez ao pôr do Sol, desorientado e confuso. Demorou um instante para se lembrar de onde estava e do que o levara até ali. Foi então que se apercebeu de que o dia havia passado e ficou preocupado por ter dormido tanto. Planeara dormir apenas até ao meio-dia antes de continuar a fuga para leste. Um dia inteiro era muito tempo; isso dera aos seus perseguidores demasiado tempo para o alcançar.

Foi até à beira do rio, atirou água fria para o rosto para acordar de

vez e foi procurar comida. De repente, percebeu que não comera nada nas últimas vinte e quatro horas, e desejou ter parado por um minuto ao planejar a fuga para se abastecer de pão e de um pouco de queijo. Enquanto procurava entre as árvores, conformado com uma refeição de frutos e raízes, pensou novamente nos seus supostos perseguidores. Talvez estivesse a preocupar-se sem motivo. Talvez não houvesse ninguém a persegui-lo. Afinal, o que poderiam querer dele? Estavam à procura de Allanon. O gnomo havia-o dito. Provavelmente, depois de ele ter saído do vale, tinham seguido o seu próprio caminho, procurando o Druida noutro lugar. Se assim fosse, estava a atormentar-se por nada.

Claro que, se estivesse enganado...

No outono, os frutos silvestres eram uma raridade, por isso Jair foi obrigado a fazer uma refeição de tubérculos e alguns caules de ruibarbo. Apesar de não estar satisfeito com a comida, sentiu-se muito bem quando acabou de comer. Concluiu que Rone Leah não teria feito melhor. Tinha derrotado aquele gnomo, recuperado as Pedras Élficas debaixo dos narizes de um Caminhante e de uma patrulha de caçadores gnomos, fugido do vale, e estava a caminho de Leah. Parou por um momento para imaginar a expressão de surpresa da irmã quando lhe contasse tudo o que acontecera.

E de repente, como um choque, ocorreu-lhe que talvez não visse Brin novamente. A irmã fora levada por Allanon até ao centro do mesmo mal que invadira a sua casa e o havia expulsado do vale. Lembrou-se outra vez do que sentira na presença daquele ser maligno — do pânico terrível e avassalador. Brin estava a ser levada para onde aquele mal vivia, onde havia não apenas um, mas muitos Caminhantes Negros. Contra eles, ela não tinha qualquer defesa além do poder da magia do Druida e da sua própria canção-desejo. Como poderia Brin ter esperança de resistir a algo assim? E se fosse descoberta antes de conseguir chegar até ao livro...?

Não conseguiu completar o pensamento. Apesar das suas personalidades e maneiras de ser diferentes, Jair e a irmã eram chegados. Ele amava-a e não gostava de pensar que alguma coisa lhe pudesse acontecer. Desejou mais do que nunca que o tivessem deixado ir com ela até Anar.

Abruptamente, olhou para oeste, onde o Sol deslizava para trás do topo das árvores. A luz desvanecia-se depressa, e era altura de atravessar o rio e continuar a viagem para leste. Cortou um monte de ramos, usando a faca, e uniu-os com faixas retiradas da casca dos pinheiros para

construir uma pequena jangada onde pudesse colocar as roupas. Não tinha a menor vontade de andar pela noite fria de outono coberto de panos molhados, por isso atravessaria o rio despido e vestir-se-ia na outra margem.

Quando acabou de construir a jangada, transportou-a até à margem do rio e, subitamente, lembrou-se de uma das lições que o velho batedor lhe ensinara. Estavam a falar de como despistar os perseguidores. A água era a melhor forma de disfarçar os rastros, declarara o velho com o seu ar misterioso. Não se podem seguir rastros na água — a não ser, claro, que se seja suficientemente estúpido para tentar despistar alguém em águas tão rasas que deixem pegadas marcadas na lama. Mas águas profundas — ah, eram o melhor disfarce. A corrente conduz sempre num determinado sentido e, mesmo que o perseguidor seguisse a presa até à beira da água e soubesse que esta a tinha atravessado — o que não teria necessariamente acontecido, claro, mas isso era outro truque —, ainda teria de encontrar o seu rasto do outro lado. Logo — e eis o toque de génio —, os mais espertos sobem contra a corrente e nadam pelas águas profundas para aparecerem na outra margem num ponto mais acima do que aquele onde o seu rasto terminou. Ora, o caçador presumirá que a sua presa descerá o rio, não é verdade? Então onde irá procurar? Num primeiro momento, não pensará em ir contra a corrente.

Jair sempre ficara impressionado com aquele truque e resolveu colocá-lo à prova. Talvez nem estivesse a ser seguido, mas, por outro lado, não podia ter a certeza. Ainda estava a dois dias de distância de Leah. Se alguém viesse atrás dele, aquela estratégia do velho batedor dar-lhe-ia uma grande vantagem.

Assim, tirou as botas, colocou-as debaixo do braço juntamente com a jangada e começou a subir dentro da água durante vários metros, até onde o canal se estreitava. Decidiu que estava suficientemente longe. Tirou o resto das roupas, colocou-as na jangada e empurrou-a para as águas geladas do rio.

A corrente rápida apanhou-o quase de imediato, puxando-o com força. Deixou-se levar por ela, nadando, com a jangada segura na mão, inclinando-se enquanto prosseguia na direção da outra margem. Galhos e ramos passaram por ele a rodopiar, ásperos e gelados, e os sons da floresta foram abafados pelo borbulhar violento da água. Lá em cima, o céu

noturno escurecia enquanto o Sol descia por trás das árvores. Jair batia as pernas com firmeza; a margem aproximava-se.

Finalmente, os seus pés encontraram o fundo, tocando a lama macia, e pôs-se de pé, sentindo o ar noturno gelado na pele. Depois de retirar as roupas da jangada, empurrou-a de volta para a corrente e viu-a ser arrastada pelo rio. Um instante depois, estava em terra firme, sacudindo a água do corpo e voltando a vestir-se. Os insetos zumbiam em seu redor, pedaços de som na escuridão. Na margem de onde viera, as árvores eram troncos negros que se esbatiam na crescente penumbra da noite.

Entre aqueles troncos, algo se moveu de repente.

Jair ficou paralisado, com os olhos fixos no ponto onde vira movimento. Mas desaparecera, o que quer que fosse. Respirou fundo. Por um momento, parecera ser um homem.

Cuidadosamente, recuou até ao abrigo das árvores atrás de si, ainda observando a outra margem, esperando que o movimento se repetisse. Isso não aconteceu. Acabou de se vestir à pressa, verificando se as Pedras Élficas ainda estavam a salvo na túnica, e virou-se, andando silenciosamente pela floresta. Disse a si mesmo que se havia enganado.

Caminhou durante toda a noite, confiando novamente na Lua e nas estrelas, visíveis em pequenos pedaços de céu, para o guiarem na direção certa. Viajou num passo mais rápido onde a floresta era menos densa, já menos seguro de não estar a ser seguido. Quando tivera apenas a memória daqueles poucos momentos em sua casa, com aquela criatura sombria por perto, sentira-se seguro. Mas a ideia de que algo ou alguém estava ali, a segui-lo, trouxe-lhe de volta a sensação de pânico. Mesmo na noite fria de outono, suave, com os sentidos aguçados pelo medo. Várias vezes, os seus pensamentos voltaram-se para Brin e deu por si a imaginá-la tão sozinha como ele estava — sozinha e perseguida. Desejou que ela estivesse ali com ele.

Quando o Sol surgiu, continuou a andar. Ainda não saíra de Duln, e a sensação de inquietude persistia. Estava cansado, mas não tanto que precisasse de dormir naquele momento. Caminhou enquanto o Sol se erguia atrás dele numa névoa dourada, projetando finas faixas brilhantes sobre o cinzento da floresta e criando reflexos de cores variadas nas folhas secas e nos limos verdejantes. De tempos a tempos, Jair olhava para trás, observando.

A manhã já ia alta quando a floresta terminou numa planície, uma

antecâmara para a muralha azul e distante das montanhas. O ambiente era quente e amigável, menos opressor do que a floresta, e Jair sentiu-se imediatamente mais tranquilo. Enquanto caminhava pela planície, começou a reconhecer o terreno à sua volta. Já percorrera aquele caminho, numa visita a Leah um ano antes, quando Rone o levara até à sua cabana de caça no sopé das montanhas, onde se entretiveram a pescar nos lagos. A cabana ficava a duas horas de caminhada para leste, mas ofereceria uma cama macia e abrigo para o resto do dia, o que lhe permitiria recomeçar descansado quando a noite caísse. Foi a ideia da cama que o fez decidir-se.

Ignorando o cansaço que o invadia, Jair continuou a caminhar para leste pela pradaria, enquanto a elevação das terras altas aumentava à medida que se aproximava. Olhou uma ou duas vezes para trás, para a região de onde viera, mas encontrou-a vazia.

Era meio-dia quando chegou à cabana, uma casa de madeira e pedra que fora erguida no meio de pinheiros à beira das florestas das terras altas. A cabana ficava numa encosta, com vista para a planície, mas era escondida pelas árvores até que se estivesse a um grito de distância. Jair tropeçou pelos degraus de pedra até à porta da cabana, exausto; virou-se para pegar na chave que Rone deixava escondida numa fenda entre as pedras, mas viu que a fechadura estava partida. Com cuidado, ergueu a tranca e espreitou para o interior. A cabana estava vazia.

Claro que estava vazia, resmungou para si mesmo, com os olhos pesados de sono. Porque não havia de estar?

Fechou a porta atrás de si, passou rapidamente os olhos pelo interior imaculado — mobília de couro e madeira, prateleiras de mantimentos e equipamento de cozinha, um bar e uma lareira de pedra — e avançou, grato, pelo pequeno corredor que levava até aos quartos. Parou na primeira porta que alcançou, abriu-a, entrou e atirou-se para cima da cama larga, de colchão de penas.

Adormeceu em segundos.

Quando acordou, estava quase escuro, e viu pela janela do quarto o céu azul-escuro de outono, bordado com a luz prateada do Sol que se punha. Um barulho despertou-o, um som abafado de algo a arrastar-se — como botas sobre o chão de madeira.

Sem pensar, levantou-se, ainda meio adormecido, enquanto ia

rapidamente até à porta do quarto para espreitar. A sala escura na frente da cabana estava vazia e mergulhada em sombras. Jair pestanejou e encarou a escuridão. Foi então que viu algo.

A porta da frente estava aberta.

Foi até ao corredor sem acreditar, piscando os olhos ainda cheios de sono.

— A dar outro passeio, rapaz? — perguntou uma voz familiar, vinda de trás dele.

Freneticamente, deu meia-volta — demasiado devagar. Alguma coisa atingiu a parte lateral da sua cabeça e explodiram-lhe luzes atrás dos olhos. Caiu no chão, sem ver mais nada.